



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11 e 12 de novembro de 2017

Diário Catarinense e A Notícia
 Segurança
 "Audiências de custódia expõem violência"

Audiências de custódia expõem violência / Segurança / Santa Catarina / Crimes de abuso de autoridade / Silva Cristóvam / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2017

24

SEGURANÇA

AUDIÊNCIAS DE CUSTÓDIA
 EXPÕEM VIOLÊNCIA

UMA EM CADA quatro pessoas que passaram por sessões na Capital denunciou a agressão de policiais durante a prisão. Alternativa, que leva o preso a um juiz em até 24 horas após o flagrante, completou dois anos no Estado em outubro

#SEGURANÇA SC

LEONARDO THOMÉ
 leonardo.thome@somosnsc.com.br

No primeiro dia de audiência de custódia após a implantação definitiva do modelo em Santa Catarina, em 1º de outubro de 2015, Vivian (nome fictício) relatou ter sido agredida por policiais militares ao ser presa em uma comunidade da região continental da Capital. Na época, com 27 anos e suspeita de traficar drogas, afirmou que levou um soco na boca, confirmado por um laudo do Instituto Geral de Perícias (IGP). Outro exame pericial, uma semana depois, voltou a constatar a pancada.

A moradora da Capital, hoje em liberdade, representa uma em cada quatro pessoas que denunciou

a um juiz ter sofrido algum tipo de violência de agentes das forças de segurança no momento da detenção, principalmente de policiais militares. Dos cerca de 2,4 mil detidos ouvidos por um magistrado em Florianópolis de 1º de outubro de 2015 até o dia 24 do mês passado, 583 (23%) disseram que foram agredidos por servidores das polícias Militar e Civil, do Departamento de Administração Prisional (Deap) ou por guardas municipais.

O índice mostra a realidade apenas de Florianópolis – a única cidade de Santa Catarina que tem dados sobre violência – e coloca o Estado como o segundo do país com maior percentual de registro de abusos de autoridade durante a prisão, atrás apenas do Amazonas, com 38%. Os dados foram repassados pelos Tribunais de Justiça ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

Para a desembargadora Cinthia Schaefer, coordenadora do Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC), o percentual de pessoas que denunciaram é alarmante, mas há ressalvas:

– Temos que depurar essas informações. Algumas vezes já se verificou o excesso, o abuso, de realmente baterem no cidadão depois de ele estar dominado. Isso é inconcebível. Mas algumas vezes já se verificou, mesmo que o juiz não faça essa valoração, que parte dessas denúncias não reportavam exatamente um abuso. Muitas vezes o cidadão corre, foge da prisão e acaba sendo dominado e se machuca.

Adotadas no Brasil em 2015, as audiências de custódia foram criadas para que presos em flagrante sejam apresentados a um juiz em até 24 horas. O magistrado analisava a aplicação de penas alternati-

vas e a Justiça apura denúncias de maus-tratos pela polícia.

Nas mais de 2,4 mil sessões já realizadas na Capital, a maioria dos presos foi homens, com ensino fundamental incompleto, com idade entre 19 e 35 anos, sem profissão definida. Já os principais crimes envolvem drogas (tráfico, uso e associação) junto com os patrimoniais (roubos, furtos, também em função das drogas). Em seguida, violência doméstica e embriaguez ao volante. Depois, casos de homicídio, latrocínio, estupro e outros.

Em outras comarcas de Santa Catarina, as audiências de custódia começaram em maio do ano passado. Até hoje, foram cerca de 10,8 mil sessões em todo o Estado. Desse total, 5,57 mil detidos em flagrante tiveram a prisão mantida, sendo que 5,26 mil foram liberados com medidas cautelares.

e 23%. O 7%, por si só, já é alto. Uma das funções da audiência de custódia é no prazo mínimo, de 24 horas, fazer com que o preso se apresente até porque é um tempo que permite se fazer um exame de corpo de delito com muita fidelidade. Agora, 23% é um dado altíssimo, alarmante, e temos que ter uma resposta da polícia ostensiva sobre isso – avalia o advogado José Sérgio da Silva Cristóvam, presidente da Comissão de Acesso à Justiça da OAB/SC.

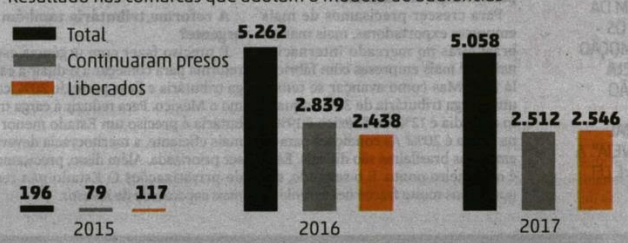
A discrepância dos números é atribuída pela área técnica do Tribunal a "um controle maior na Comarca da Capital", onde todas as informações são recolhidas desde outubro de 2015. Além disso, com a implantação das audiências em outras comarcas, esses dados passaram a ser anexados também ao sistema do CNJ, o Sistas. O problema é que, no interior do Estado, os plantonistas muitas vezes não preenchem os dados de forma integral, segundo o setor técnico do TJSC.

Mesmo considerando apenas os dados do CNJ, o índice catarinense, de 7%, ainda está acima da média nacional, de 4,9%. Está também classificado como quinto maior percentual do Brasil, mesmo sendo três vezes menor do que o dado real.

O comando da Polícia Militar, por meio da assessoria de imprensa, diz que não vai comentar o caso. Procurado pela reportagem, o Estado afirmou que o assunto tem que ser tratado com a corporação.

SESSÕES EM SC

Resultado nas comarcas que adotam o modelo de audiências



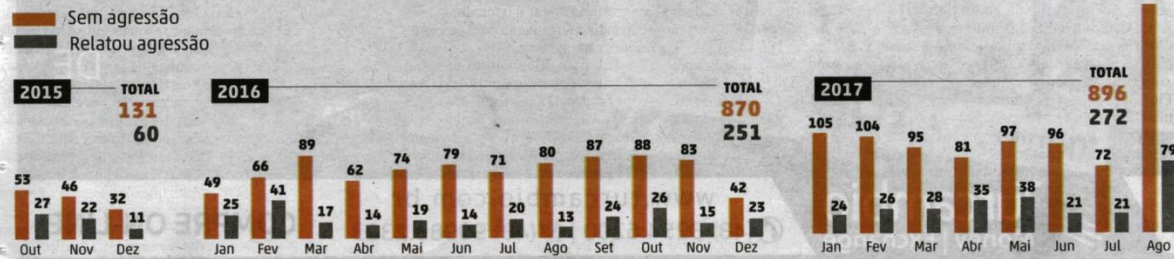
LEVANTAMENTOS COM NÚMEROS DIFERENTES

Outro levantamento, esse feito pelo CNJ, mostra números diferentes dos fornecidos pelo TJSC à reportagem. Na pesquisa do Conselho, que traz os relatos de abuso de autoridade no momento da prisão em todas as comarcas de Santa Catarina, foram contabilizados 314 registros entre outubro de 2015 e 30 de junho deste ano, 7% do total de casos, bem abaixo do levantado pelo Tribunal catarinense (23%).

– É muita diferença entre 7%

CASOS DE VIOLÊNCIA NA CAPITAL

Audiências em que o detido relata ter sido agredido por agentes da força de segurança



Denúncias de presos são investigadas pelo Ministério Público

Todas as denúncias de crimes de abuso de autoridade relatadas nas audiências de custódia são repassadas para o Ministério Público de Santa Catarina (MPSC). Até 13 de outubro deste ano, os procedimentos ficavam a cargo da 40ª Promotoria de Justiça da Capital, criada em abril de 2016 para atuar no controle externo da atividade policial em Santa Catarina. No mês passado, porém, o presidente Michel Temer sancionou a lei 13.491/17, que modificou a investigação quando o autor do crime for um militar. Agora, esses casos envolvendo serão encaminhados para a 5ª Promotoria, que trata de crimes militares.

— Hoje (dia 07), por exemplo, eu despachei 10 casos de Joinville, de audiência de custódia de meses atrás, porque agora são

de responsabilidade da promotoria. Dez ocorrências que viraram procedimento investigatório. Quando confirmamos os casos, há processo, mas muitos não se confirmam — explica o promotor Wilson Paulo de Mendonça Neto, da 5ª Promotoria.

O caso de Vivian, que abre esta reportagem, se transformou em processo de abuso de autoridade e está concluso para sentença no TJSC. O Ministério Público, porém, pediu o arquivamento da ação. A justificativa da promotoria foi de que a mulher “não foi encontrada para ser intimada” e prestar os esclarecimentos. Quando fez o primeiro relato de agressão, ela teve a prisão convertida em preventiva. Permaneceu presa por pouco mais de quatro meses, sendo liberada em fevereiro

de 2016. Já o MPSC pediu o arquivamento do processo em 24 de agosto deste ano.

Por meio da assessoria de imprensa, o Ministério Público informou que não é possível saber quantos registros de abuso de autoridade se transformaram em procedimentos investigatórios contra agentes das forças de segurança.

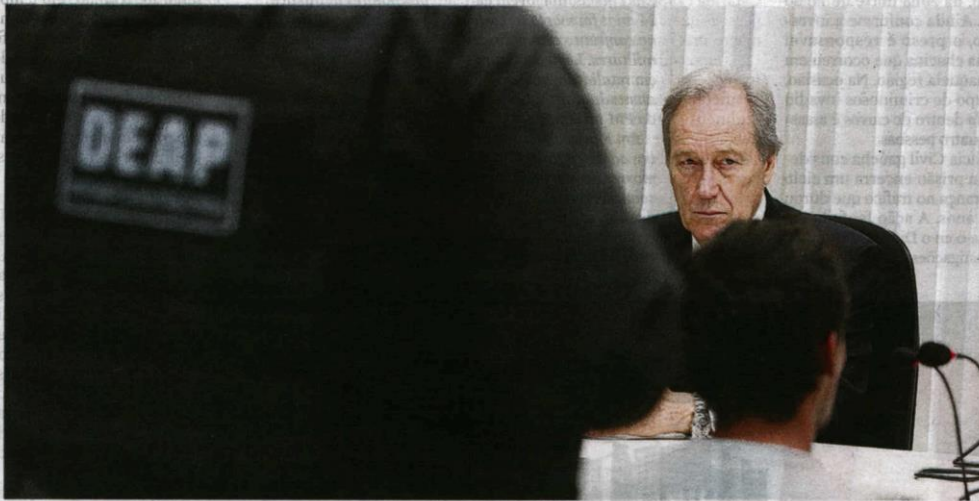
ÍNDICE DE AGRESSÃO PODE SER MAIOR, ACREDITA PESQUISADORA

A professora Giane Silvestre, pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, que também acompanhou audiências de custódia na capital paulista e em João Pessoa (PB), aponta que o índice de violência pode ser maior,

já que existem muitos casos “subnotificados”, especialmente em audiências com a presença de PMs na sala, como ocorre com frequência em Santa Catarina, de acordo com o levantamento qualitativo do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

— Embora a audiência de custódia tenha a função de ser o canal de denúncia para a violência no momento da prisão, esses casos ainda são poucos relatados. Em alguns, a audiência ainda não é o ambiente propício para denunciar violência policial. Isso porque há lugares em que ficam vários policiais na sala — explica.

Outro problema, diz, acontece quando os relatos de violência são encaminhados ao MP. Para ela, citando São Paulo, não se sabe o que acontece com essas denúncias.



Uso de algemas é questionado por pesquisadores

Em fevereiro deste ano, pesquisadores do Fórum Brasileiro de Segurança Pública estiveram em algumas capitais do Brasil a pedido do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) para fazer um levantamento qualitativo sobre as audiências de custódia. Em Florianópolis, a equipe permaneceu somente uma semana, tendo a possibilidade de observar 45 audiências.

Um dado que chamou a atenção dos pesquisadores foi que em Florianópolis, assim como na maioria das cidades pesquisadas, é comum a utilização de algemas nas sessões. Segundo resoluções do CNJ e do Supremo Tribunal Federal (STF), só é legal o uso de algemas nos presos “em casos de resistência e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia”.

Alguns presos eram algemados nas mãos e também pelos tornozelos. Em 93% dos casos, os acusados permaneceram algemados durante a audiência sem qualquer justificativa.

Com menor frequência, policiais militares também se faziam presentes — o que também não é recomendado pelo CNJ. Para pesquisadores, foi possível notar que o ambiente se torna, por vezes, hostil à denúncia de violência policial, por conta da presença desses agentes.

No entanto, para o sociólogo Rodrigo de Azevedo, membro do Fórum, a apuração de casos de abuso de autoridade na Capital tem cumprido com o que pede o CNJ.

— Em 93,3% dos casos foi perguntado explicitamente ao acusado se havia sido agredido ou sofrido qualquer violência. Assim, Florianópolis, junto com Palmas e Porto Alegre, são as capitais em que mais foram observadas perguntas explícitas sobre violência por parte de agentes estatais.

A desembargadora Cinthia Schaefer reconhece que a utilização de algemas ocorre com frequência nas audiências da Capital. Ela admite que o ideal seria não usar na maioria dos casos, mas pondera que o Estado tem muitos presos que pertencem a faixas, o que aumenta a atenção

Sessões ainda carecem de melhor estrutura em SC

Quase oito meses depois da implantação das audiências de custódia na Capital, a medida foi expandida para outras comarcas do interior, como Joinville, Lages, Blumenau, Criciúma e Chapecó, entre outras. O próprio hiato entre o início dos trabalhos em Florianópolis na comparação com as demais cidades mostra que o modelo ainda carece de melhor estrutura para funcionar, principalmente no interior. Para o advogado Silva Cristóvam, que também é professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), as diferenças entre as sessões da Capital e demais cidades possuem duas razões:

— Primeiro, o sistema começou em Florianópolis, então tem um pouco mais de tempo, e isso torna mais viável aparar arestas e resolver problemas. Segundo, na Capital temos condições menos precárias de infraestrutura e até de pessoal, porque nas audiências de custódia, além do juiz, existe todo um aparato, desde a assistência até a polícia, o MP e a Defensoria Pública.

Tem toda uma logística que muitas comarcas ainda estão longe de atingir — aponta o professor.

Em Florianópolis, há uma estrutura única, dividida entre a Unidade de Apuração do Crime Organizado e a Vara do Tribunal do Júri, que cuida das audiências de custódia, com juízes se revezando na condução dos trabalhos e equipes de assistentes no levantamento e armazenamento das informações. Na comarca da cidade, um servidor do Tribunal foi quem teve a iniciativa de reunir os dados das audiências. Por isso os dados são mais completos.

Já em municípios maiores como Joinville, por exemplo, e do Sul e Oeste catarinense, as audiências de custódia são feitas em regime de plantão, com juízes e equipes diferentes diariamente. Por isso não foi possível levantar a quantidade de relatos de violência policial nas prisões em flagrante em todas as comarcas.

Além das dificuldades estruturais e até econômicas para ampliar a ferram

enta para outras comarcas importantes, exemplo de Balneário Camboriú — onde há solicitações do meio jurídico —, a desembargadora Cinthia Schaefer cita a resistência às audiências de custódia por parte de setores da própria magistratura, bem como setores policiais e do Ministério Público. Há dois anos coordenando o grupo de monitoramento do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, a magistrada considera os dois primeiros anos da medida como “positivos”. Apesar disso, destaca, gostaria de ter a oportunidade de expandir a ferramenta para outros recantos catarinenses.

— Infelizmente, não foi possível, por falta de estrutura nossa, do Deap e da própria Polícia Civil. Mas acredito que a gente está conseguindo, devagarinho, cumprir essa determinação do Supremo Tribunal Federal (STF) dentro do prazo exigido — explica, para dizer que nos próximos anos outras comarcas do Estado devem ser beneficiadas com as audiências de custódia.

Em agosto de 2015, o então presidente do STF, Ricardo Lewandowski, esteve em Florianópolis lançando o modelo de audiências

Diário Catarinense e A Notícia
Capa e Economia
"Em busca da rota do crescimento"

Em busca da rota do crescimento / Inflação / Emprego / Brasil /
Expectativas / Taxa de juros / Economia / Reforma Trabalhista / Mercado de
Trabalho / Santa Catarina / Plano Real / Operação Lava-Jato / Henrique
Meirelles / Michel Temer / Indicadores econômicos / Reforma da Previdência
/ Kenji Takacshima / Curso de Direito / UFSC / Campo / Indústria / PIB



UMA APOSTA EM 2018

Depois de um 2017 turbulento, mas com indícios de retomada, economistas, empresários e lideranças ajudam a projetar como será o próximo ano em Santa Catarina e no Brasil

“
AS ELEIÇÕES VÃO DEFINIR A TRAJETÓRIA DO PAÍS NOS PRÓXIMOS ANOS
”

HENRIQUE MEIRELLES
Ministro da Fazenda, em entrevista aos jornais da NSC

Páginas 8 e 11

ARTE: ALINE FAHND E FOTO: RICARDO WOLFF/REUTERS

ECONOMIA

EM BUSCA DA

EMBORA O CENÁRIO político ainda inspire cautela, inflação controlada, taxa de juros em queda e retomada gradual da produção e do emprego ajudam a animar as expectativas do mercado para o ano que vem

PEDRO MACHADO

pedro.machado@somosnsc.com.br

Depois de três anos andando demarcha a ré, o Brasil parece estar pronto para voltar a trilhar o caminho do crescimento. Os principais indicadores da economia apontam que a crise se dissipou ao mesmo tempo em que se abrem perspectivas mais animadoras para o futuro. Ainda que em ritmo lento, a taxa de desemprego começou a recuar, a inflação se mantém sob controle – até um pouco abaixo do que se esperava –, a taxa de juros também vem diminuindo e o varejo dá sinais de que o até então desconfiado consumidor está mais propenso a abrir a carteira. Em Santa Catarina, os números são ainda mais positivos do que a média nacional. A conjuntura soa ideal, mas no meio empresarial e no mercado financeiro o discurso é de cautela e a ordem é evitar euforia.

– A saída dessa longa e profunda recessão foi talvez mais lenta do que alguns imaginavam, subestimando a gravidade dela própria. Esse movimento não significa que a economia está pronta para um crescimento fulminante a partir de agora – pondera o economista Gustavo Franco, um dos integrantes da equipe que elaborou o Plano Real.

Ex-presidente do Banco Central entre 1997 e 1999, ele compara o país a um paciente que acaba de sair de uma situação clínica crítica e fala em um “ambiente de desintoxicação” após um duro triênio. A crise, que aparentava ser apenas econômica, foi contaminada com o vírus da instabilidade política e institucional a partir do pós-eleições de 2014. A doença se espalhou com os sucessivos terremotos que sacudiram Brasília e culminaram em um processo de impeachment e dezenas de parlamentares, ministros e integrantes do Executivo nos holofotes da corrupção investigada pela Operação Lava-Jato.



ROTA DO CRESCIMENTO

Entre mortos e feridos, o Brasil se manteve de pé, mas terá agora que reverter um legado de três anos de economia ladeira abaixo. Entre 2015 e 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) despencou 7,2%, a maior recessão desde a década de 1930. Mesmo que as previsões de avanço para 2017, que não passam de 1%, confirmem-se, seriam necessários de dois a três bons anos, com resultados bem melhores, para que o país ao menos retome os índices pré-crise.

— Isso não é obra para um governo. Certamente precisaremos de dois governos, no mínimo, para termos condições de dizer que o país retomou a trajetória de crescimento sustentável — avalia o presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina, Glauco José Córte.

MEDIDAS DE EMERGÊNCIA PARA REANIMAR PACIENTE

Por ora o mercado se agarra a medidas de curto prazo que podem melhorar as condições para a tão aguardada guinada. Como o coberto do governo é curto, o pacote de concessões, apesar de ainda não ter deslançado como se esperava, é visto como a (talvez única) oportunidade de propiciar investimentos em infraestrutura que garantam novo impulso à competitividade do setor produtivo.

Há também a reforma trabalhista, que passa a valer neste fim de semana. Para o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, ela vai, em um primeiro momento, favorecer a formalização no mercado de trabalho para em seguida contribuir para aumentar a criação de empregos, pois “haverá sensível redução dos riscos de contratar pessoas”. Ainda assim, é preciso mais.

— Para uma recuperação mais vigorosa, dependemos de um novo ciclo de investimentos e ganhos de produtividade, quase impossível de acontecer ainda no atual período de governo — ressalta.

ATENÇÃO AOS SINAIS

POSITIVO

Inflação controlada e taxa de juros com tendência de queda ajudam a prever uma retomada do consumo. O cenário é favorável para reaquecimento do mercado interno

CAUTELA

Apesar da retomada dos níveis de produção industrial e das exportações, a maioria dos indicadores ainda está aquém dos índices pré-crise. A previsão é que ainda vai demorar três anos para voltar aos mesmos patamares

NEGATIVO

A expectativa de uma eleição presidencial conturbada joga incerteza sobre o futuro macroeconômico e político do país

“A evolução das eleições de 2018 vai definir a trajetória nos próximos anos”

ENTREVISTA

HENRIQUE MEIRELLES

Ministro da Fazenda



Homem forte da equipe econômica do presidente Michel Temer (PMDB), Henrique Meirelles se tornou alvo de especulações na corrida ao Planalto no ano que vem. Em meio a uma agenda corrida, ele respondeu aos jornais da NSC em uma entrevista que analisa a confiança do mercado no país e expectativas eleitorais.

O senhor tem reiterado em eventos e entrevistas que a crise já passou. Há sinais positivos da economia, mas a geração de emprego ainda cresce em ritmo lento. Quando esse crescimento será mais acelerado?

O emprego já está crescendo e esse crescimento tem um aumento gradual. Portanto, nós vamos ver isso evoluindo nos próximos trimestres de uma forma cada vez maior. Isso paulatinamente vai ser sentido pela população.

As novas regras trabalhistas estão para entrar em vigor. O que é possível projetar para a economia brasileira com essas mudanças em funcionamento?

As novas regras trabalhistas devem gerar nos próximos 10 anos cerca de 6 milhões de novos empregos no Brasil, além de colaborar para o aumento da produtividade.

Um dos fatores levados em conta pelo empresariado na hora de planejar investimentos é a confiança com a economia e o governo. A instabilidade dos últimos anos fez muita gente colocar o pé no freio. Agora, o Congresso arquivou as duas denúncias feitas pela PGR contra o presidente Michel Temer (PMDB). Há mais tranquilidade para se investir agora?

Certamente hoje o nível de confiança é muito maior. Isso tende a ser reforçado com a possível aprovação da reforma da Previdência. Agora, um componente importante vai ser a evolução das perspectivas das eleições de 2018, que vão definir a trajetória do país nos anos seguintes do ponto de vista de orientação de política econômica. Isso vai ser um fator decisivo e importante durante o ano.

SC é um dos grandes exportadores de carne (frangos e suínos) do país. Quais as perspectivas para esse mercado?

A exportação de frangos e suínos é algo que o Brasil tem uma capacidade muito

forte e temos certeza de que vai evoluir favoravelmente nos próximos anos, em virtude da demanda mundial que está crescendo e particularmente daqueles mercados para onde o Brasil exporta.

São grandes as especulações de que o senhor participará das eleições do ano que vem. Recentemente, o senhor disse, em tom de brincadeira, que ser vice pode ser interessante. Qual será o seu papel no pleito de 2018?

Na questão do vice houve, na realidade, um mal entendimento. Quem perguntou em tom de brincadeira foi o coordenador do evento (o ministro participou de um evento com empresários em São Paulo em 31 de outubro, onde teria dito que a possibilidade era interessante), que perguntou se eu seria candidato a presidente. Quando eu respondi que no momento estou concentrado 100% no Ministério da Fazenda e vou decidir sobre candidatura a presidente ou não apenas no começo do segundo trimestre do ano que vem, ele em tom de brincadeira me perguntou: “E a vice?”. E eu respondi que era uma pergunta interessante, no sentido de ser curiosa, de ser uma pergunta, evidentemente, que eu não estaria levando em consideração. Mas em seguida eu já disse que não há a menor possibilidade de eu ser candidato a vice-presidente. Em relação a uma candidatura a presidente, é exatamente o que eu já respondi: é uma decisão a ser tomada no ano que vem.

Fazenda e vou decidir sobre candidatura a presidente ou não apenas no começo do segundo trimestre do ano que vem, ele em tom de brincadeira me perguntou: “E a vice?”. E eu respondi que era uma pergunta interessante, no sentido de ser curiosa, de ser uma pergunta, evidentemente, que eu não estaria levando em consideração. Mas em seguida eu já disse que não há a menor possibilidade de eu ser candidato a vice-presidente. Em relação a uma candidatura a presidente, é exatamente o que eu já respondi: é uma decisão a ser tomada no ano que vem. No momento, estou totalmente concentrado, focado e dedicado ao meu trabalho no Ministério da Fazenda para consolidar a economia brasileira no seu ritmo de crescimento sustentável.

Futuro político do país cria cenário de incerteza

É o futuro político, justamente, o fator que mais ameaça o vigor dessa retomada e causa maior apreensão no mercado. Num cenário ameno, a consolidação da restauração dos indicadores econômicos poderia ocorrer naturalmente no próximo ano. Mas 2018 será marcado por eleições e há um risco que não pode ser ignorado de que o país fique congelado até a escolha de um novo Congresso e a definição sobre quem ocupará a cadeira de presidente. Não seria, afinal, a primeira vez que isso aconteceria.

Legendas já se articulam visando a formação de alianças e boa parte da atual equipe do Palácio do Planalto deve sofrer mudanças a partir de abril, vencido o prazo de desincompatibilização e filiação partidária, colocando em xeque a continuidade de ações já iniciadas. Há quem aposte que dentro dessa conjuntura de preocupação de construção de candidaturas a reforma da Previdência, considerada essencial dentro do plano de ajuste fiscal, seja votada apenas em 2019.

— Eleições presidenciais costumam aumentar a volatilidade da economia. Essa não será diferente — opina o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega.

Nomes como os do ex-presidente Lula e do deputado federal Jair Bolsonaro já despontam nas primeiras pesquisas de intenção de voto à Presidência. Embora haja certo consenso que ambos devem apaziguar o discurso mais radical com a proximidade das eleições, por enquanto o mercado se resente da ausência de uma candidatura viável de perfil moderado e centrado, que seja capaz de dar sequência ao plano de reformas que tire o Brasil do atoleiro, mas que tenha habilidade para negociar com os extremos.

Por outro lado, é também uma unanimidade de que há muito chão pela frente e que tudo pode mudar completamente nos próximos meses. Para o ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco, o cenário de momento ilustra uma mera questão de popularidade, com pouco significado. Ex-economista-chefe da Federação Brasileira de Bancos (Febraban), Roberto Troster observa que o processo eleitoral sempre inicia com um tom mais elevado e que não se pode “colocar a carroça na frente dos bois”.

— Estamos mudando a ordem dos fatores, avaliando candidatos e não planos de governo — considera, indicando que qualquer análise mais aprofundada do cenário futuro só poderá ser feita com mais clareza a partir do lançamento oficial das campanhas.

ECONOMIA

A visão dos catarinenses

LARISSA LINDER
larissa.linder@somosnsc.com.br

Estudantes, trabalhadores, empresários: cidadãos comentam o que mais lhes preocupa com o futuro econômico do país.

“



A crise me afetou muito porque meu pai perdeu o emprego. A empresa na qual ele trabalhava, de táxi executivo, faliu, e ele passou a trabalhar só com Uber.

Como ele não tem ensino, é um pouco mais difícil conseguir emprego. Minha mãe ainda tem trabalho, ela estudou, é mais fácil para ela. Mesmo assim, tivemos que cortar várias coisas. Eu fazia natação e parei. Tem coisas de consumo, como roupas e calçados, que paramos de comprar e eu uso o que recebemos de doação dos meus primos. Também cortamos algumas extravagâncias, como ir ao cinema.

MARIANA BUSSULA MARTINS,
estudante do segundo ano do segundo grau no Instituto Estadual de Educação, 17 anos



A crise afetou a construção civil e atuamos com tecnologia aplicada a esse setor. Vínhamos de um projeto de investimento em inovação muito grande, então lançamos produtos novos e mesmo

na crise conseguimos crescer. Entre 2014 a 2016 contratamos 50 pessoas.

RUI LUIZ GONÇALVES,
diretor-presidente da Alto IT Tecnologia, 52 anos



Eu acho que a recessão afetou todas as famílias, porque os preços aumentaram. Não acho que com a eleição vai resolver alguma coisa, nem que as reformas sejam positivas. Acho que são um retrocesso, a gente

tem que pensar bem quando se vai mexer nos direitos dos trabalhadores. Mesmo assim, eu tenho esperança que o Brasil vai melhorar.

KENJI TAKACHIMA,
estudante de Direito na UFSC, 18 anos

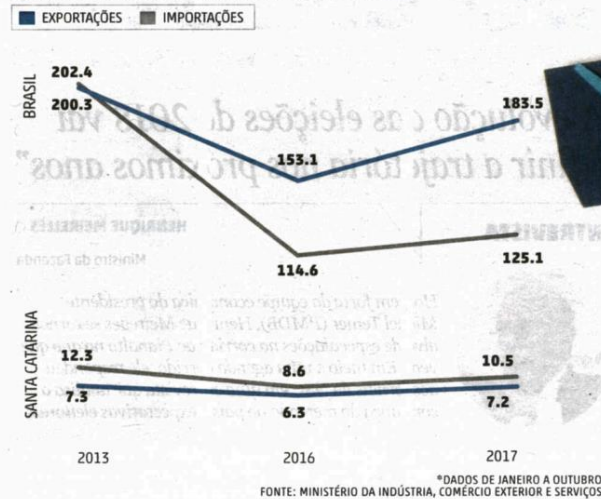


Eu vejo que a crise afetou principalmente o pessoal da classe média para baixo, porque percebemos a falta de dinheiro e na mão dos trabalhadores. Até 2014 ou 2015 as pessoas tinham um poder de compra maior, e agora há dificuldade até com alimentos. Para mim pessoalmente também afetou. Hoje a gente deixa de ter um lazer no final de semana com a família porque já fica preocupado com a segunda-feira, com o que vai precisar pagar ao longo da semana.

CÉLIO ELIAS
dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação de Criciúma, 55 anos

BALANÇA COMERCIAL (EM MILHÕES)

Exportações retomaram o ritmo de crescimento, mas ainda estão abaixo dos níveis antes da crise, como mostra o gráfico com o desempenho dos embarques em 2013



A força que vem do campo

A recessão nos últimos anos só não foi pior por causa do setor primário, que segurou as pontas e impediu um tomo ainda maior no PIB. Agora, de novo, o campo tem papel significativo no processo de recuperação da economia nacional. A supersafra agrícola e a melhora nos preços das commodities ao longo de 2017 ajudaram a alavancar a geração de empregos e têm reflexos positivos também nos resultados da balança comercial.

De janeiro a outubro, as exportações do país somaram US\$ 183,4 bilhões, alta de 19,5% frente ao mesmo período de 2016. Ainda que

o volume seja menor do que o verificado no pré-crise em 2013 (US\$ 200,3 bilhões), há razões para se comemorar. No ano, já chega a US\$ 58,5 bilhões, o melhor da história. A sinalização de que o país está disposto a tocar as reformas aumentou a confiança lá fora, fazendo com que parceiros no exterior se sintam mais à vontade para comprar do Brasil, avalia Maitê Bustamante, presidente da Câmara de Comércio Exterior da Fiesc.

Em Santa Catarina os resultados também são bastante positivos. No ano as vendas externas já somam US\$ 7,15 bilhões, alta de 14,5% na com-

paração com 2016. O setor de carnes continuam como os principais produtos de exportação. Em outubro, os embarques de aves subiram 23,1% na comparação com igual período de 2016.

Embarques de carne suína tiveram queda de 16,7%, mas no acumulado de 2017 os números são positivos e há boas perspectivas de vendas. Recentemente a Coreia do Sul liberou a importação de três frigoríficos do Estado. O diretor-executivo do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados de Santa Catarina (Sindicarne), Ricardo Gouvêa, também diz que há tratativas de comercialização para o México.

Reação no mercado de trabalho

Termômetro do desempenho da economia, o desemprego enfim deu uma trégua após três anos de escalada contínua. No final do primeiro trimestre, a taxa de desocupação no Brasil atingiu 13,7%, a maior desde a série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios iniciada em 2002 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Felizmente esse índice vem recuando gradualmente e chegou a 12,4% em setembro – embora impulsionado pelo trabalho informal. No ano o país acumula geração de 208,8 mil novas vagas. Metade deste saldo pode ser colocada na conta do campo, graças à supersafra agrícola. Os números são um alento diante das circunstâncias, mas o problema ainda é grave: 12,9 milhões de pessoas continuam sem um ofício.

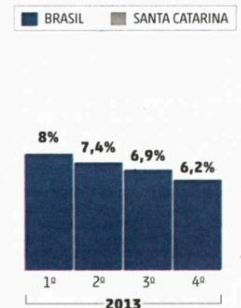
Em Santa Catarina a realidade é menos pior. No final do segundo trimestre, a taxa de desocupação

do Estado se situava em 7,5%, a menor do país. Ao longo de 2017, o Estado acumula, até setembro, um saldo positivo de geração de 37,2 mil vagas puxado sobretudo pela performance da indústria, que abriu 26,2 mil postos de trabalho neste período.

Para o presidente da Fiesc, Glauco José Córte, a diversidade da economia catarinense e a capacidade empreendedora do empresariado garantiram que os números por aqui ficassem acima da média nacional. Por outro lado, esse resultado apenas compensa o que foi perdido em 2016, quando o Estado eliminou 52,6 mil vagas.

Se geração de emprego historicamente é um assunto que pauta campanhas presidenciais no Brasil, em 2018 o tema deve estar ainda mais em evidência na disputa, apostam especialistas. Para o ano que vem, as projeções indicam que a taxa nacional de desemprego fique entre 11% e 12%. Isso se não houver nenhuma catástrofe pelo caminho.

TAXA DE DESOCUPAÇÃO (NO TRIMESTRE)





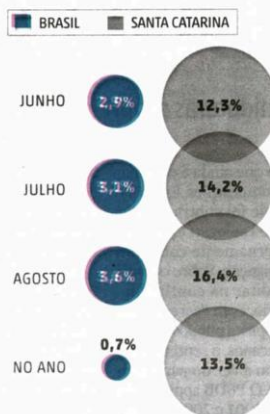
Queda no juro, mais vendas

Quem aguarda com expectativa a evolução nos indicadores de emprego é o comércio. Mais gente trabalhando significa mais renda no mercado, o que se reflete no aumento do consumo nas lojas. O cenário neste caso também começa a melhorar. Apesar de uma leve queda de 0,5% na comparação com julho, em agosto as vendas no varejo subiram 3,6% em relação ao mesmo mês de 2016. O acumulado em 12 meses ainda está no vermelho (-1,6%), mas no ano já há pequeno avanço (0,7%).

Enquanto em nível nacional o segmento ganha fôlego a conta-gotas, em SC os resultados surpreendem até mesmo os mais otimistas. Em agosto, o incremento foi de 16,4% frente ao mesmo período de 2016, o melhor desempenho entre todos os estados. Nos oito primeiros meses de 2017, o acréscimo nas vendas do setor chega a 13,5% e na contagem de um ano o resultado é 8,5% melhor.

Neste caso, o saque das contas inativas do FGTS colaborou bastante ao garantir algo em torno de R\$ 2,2 bilhões nos bolsos dos catarinenses. A queda na taxa de juros - hoje em 7,5% - ajuda a estimular novos financiamentos e os baixos índices de inflação - misero 1,78% de janeiro a setembro e apenas 2,54% em 12 meses - fizeram o dinheiro do consumidor render mais.

RESULTADO NO VAREJO
Crescimento na comparação entre 2017 com o mesmo mês de 2016



FONTE: PESQUISA MENSAL DO COMÉRCIO, IBGE

Confiança renovada

Também chamado de prévia do PIB, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) cedeu 0,38% em agosto, mas no acumulado do ano registra uma pequena alta de 0,31%. É com base nesse indicador que o BC toma decisões sobre a taxa de juros, a Selic, por exemplo. Os números estão mais ou menos em sintonia com as previsões de avanço da soma de riquezas do país para 2017.

Em Santa Catarina o aumento da atividade econômica, que considera dados da indústria, comércio, serviços e agropecuária, além do volume de impostos, é mais acelerado, com alta de 3,13% entre janeiro e agosto. Isso confirma a teoria defendida por entidades representativas e empresários locais de que o Estado foi o último a entrar e o primeiro a sair da crise.

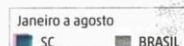
Os frutos dos ajustes, da diversificação e da capacidade empreendedora do industrial catarinense dão ao Estado uma condição diferenciada em relação à média brasileira - atesta o presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina, Glaucio Córte.

Um dos motivos que explicam o aquecimento da atividade é o avanço na confiança do industrial. Em outubro, o índice calculado pela Fiesc e pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) registrou, em uma escala de 0 a 100, 57,4 pontos. Foi o melhor resultado para o mês desde 2010, embora o indicador tenha sofrido leve queda na comparação com setembro (57,8 pontos).

O índice de confiança no Brasil alcançou 56 pontos no último mês, alta de 0,3 ponto na comparação com setembro e 3,7 pontos acima do registrado em outubro de 2016.

ATIVIDADE COMERCIAL

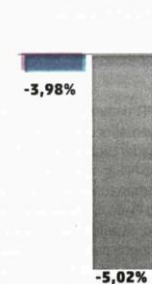
Considerado uma prévia do PIB, o IBC-Br em SC já está próximo a níveis pré-crise



2017
Em comparação com 2016



2016
Em comparação com 2015



FONTE: OBSERVATÓRIO ECONÔMICO DA FIESC

Indústria aquecida

Impulsionada principalmente pela metalurgia, setor que contabiliza aumento de 25,4% de janeiro a setembro, a produção industrial catarinense reage com alta de 3,6% no ano. É o terceiro melhor resultado entre todos os Estados - no Brasil o avanço é mais tímido, de 1,6%.

Esse cenário indica que as empresas estão desovando os estoques e voltando a ocupar a capacidade ociosa, algo que poderia abrir espaço para ampliações que resultem na geração de novos empregos. Para o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, no entanto, isso não deve acontecer de maneira imediata. Ele acredita

que o empresário vai esperar por um cenário mais claro sobre eleições presidenciais.

Só então ele assumirá riscos. Observa-se uma elevação dos investimentos, mas poucos estão associados a novos projetos ou expansão da capacidade - analisa.

Há um entendimento comum entre economistas e especialistas de que somente ampliar a produção é insuficiente para colocar o país na rota do crescimento sustentável. É preciso atacar, também, os baixos níveis de produtividade. Os cortes anunciados pelo governo federal na área de tecnologia preocupam e se tornam um obstáculo adicional nessa corrida.

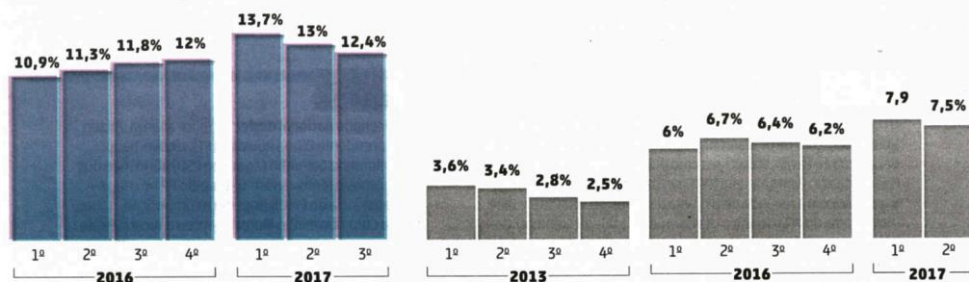
PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Variaçãona comparação entre 2017 com o mesmo mês de 2016



FONTE: IBGE

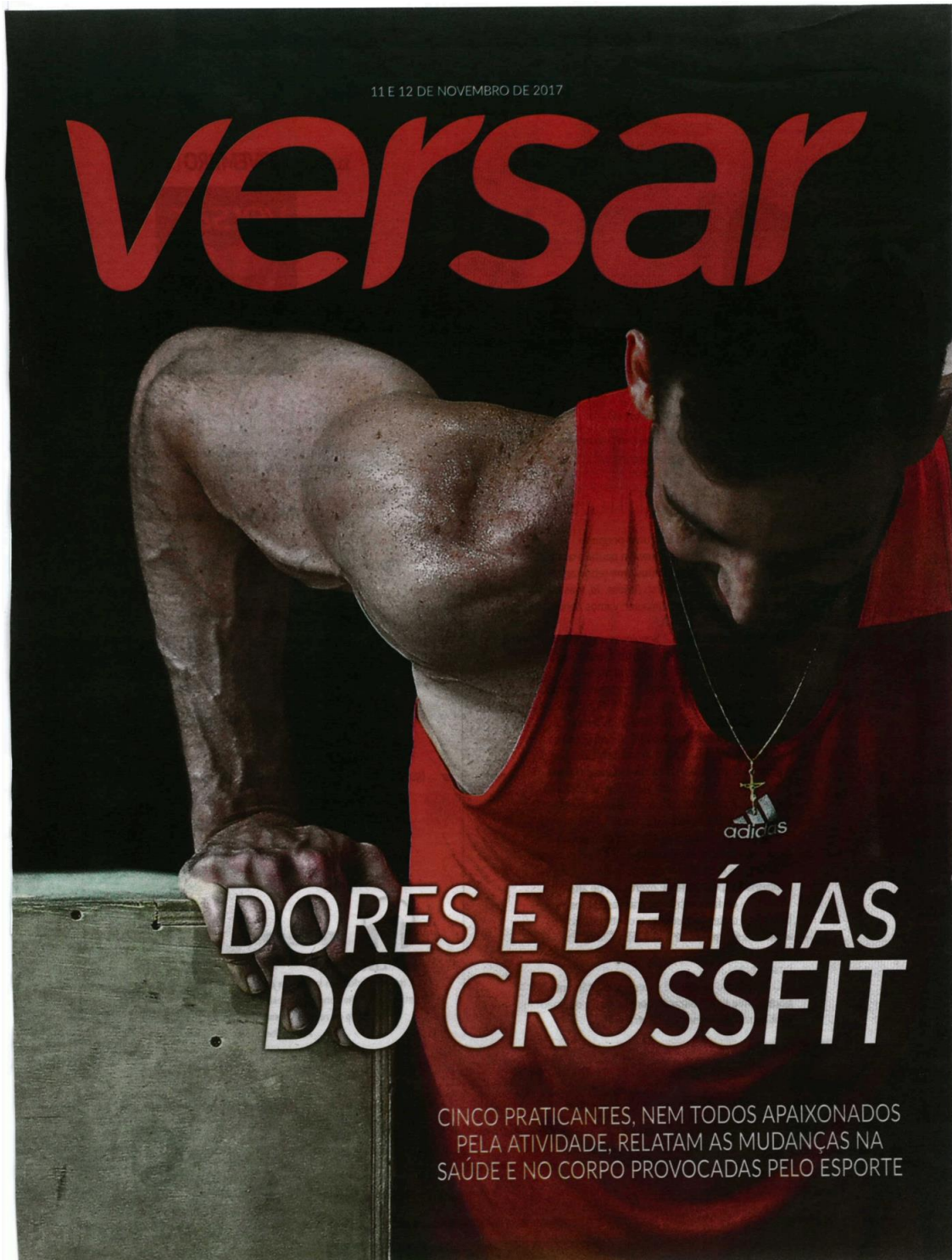
O percentual de pessoas sem ocupação nunca esteve tão alto em Santa Catarina desde que o IBGE passou a fazer o cálculo. Apesar de ser o mais baixo do país, ainda está muito distante dos números de 2013



FONTE: PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMÍCILOS (PNAD) CONTÍNUA MENSAL

Capa e Versar
"Palavra de crossfiteiro"

Palavra de crossfiteiro / Saúde / Crossfit / Brasil / Crossfit Foundation /
Santa Catarina / Esporte / Atividade física / UFSC / Lesão / Laboratório de
Esforço Físico / Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo



PALAVRA DE

ADEPTOS DO CROSSFIT POR PELO MENOS UM ANO RELATAM OS RESULTADOS DO ESPORTE NO CORPO E NA SAÚDE. O BRASIL É O SEGUNDO PAÍS COM O MAIOR NÚMERO DE ACADEMIAS CREDENCIADAS

TEXTO CAROL PASSOS | caroline.passos@somosnsc.com.br

É difícil encontrar alguém que tenha desistido de praticar crossfit. Sim, pode soar estranho, e provavelmente você conheça alguém que tenha tentado, mas por algum motivo tenha parado de frequentar as aulas. Mesmo assim, a palavra "desistir" parece um pouco pesada para uma atividade física cuja base é o incentivo do coach (treinador) e do grupo e a superação.

O crossfit foi criado pelo americano Greg Glassman, que abriu seu primeiro centro de treinamento em 1995. Hoje, a prática já é esporte, com competições pelo mundo. Glassman foi o



IONE TREMEL DO VALLE PERE

Tempo de prática: 3 anos

Resultado: fim da dores no quadril

SEM DOR

Se a imagem que você tem do crossfit é de pessoas que carregam peso além do que podem, a história da empresária Ione Tremel do Valle Pereira vai surpreender. Aos 52 anos, ela evita passar um dia longe do box, no bairro Santa Mônica, em Florianópolis. Com sorriso no rosto e uma energia de dar inveja a esta repórter, Ione nos recebeu às 8h30min de uma sexta-feira para a entrevista. Ela já havia finalizado dois treinos quando chegamos.

— Cheguei às 7h e aproveitei pra treinar — contou sem desanimar

quando avisamos que ela talvez teria que repetir alguns dos exercícios para as fotos.

Ione é esportista há muito tempo, mas aos 49 anos ingressou no crossfit por incentivo da filha, Luisa. A grande surpresa é que tudo começou porque a mãe sentia muitas dores no quadril quando jogava tênis. Ione já fazia tratamento com acompanhamento médico e viu no crossfit uma chance de reforçar os músculos inferiores. Havia tentado hidroterapia, bike e musculação, mas foi no box que a dor foi cessando aos poucos. De-

pois de um mês, já havia sentido a diferença.

— O mais importante do crossfit é aprender a técnica e seguir o que o coach indica. É uma evolução. Comecei carregando pouco peso, depois fui evoluindo. O que mudou para mim foi que ganhei mais potência, força e resistência. Hoje a família treina junto e Luisa, 30 anos, está sempre de olho na postura da mãe. Ione ocupa a quinta posição entre atletas brasileiras na faixa de 50 aos 54 anos no Crossfit Games. E o quadril nunca mais reclamou.

SONO REGRADO

Os resultados nos jogos de futebol mostraram para Isadora Orsatto que ela está cada vez mais forte e resistente. A designer de 24 anos hoje trabalha como recepcionista no box de crossfit mais antigo de Florianópolis (que abriu em 2012), onde também treina diariamente. Isadora pratica crossfit há dois anos e conta que, além de conseguir chutar a bola com muito mais força, há outras mudanças percebidas no corpo e na saúde. Perdeu 9kg de gordura e ganhou 4kg de músculo. O sono está mais regrado, ela consegue dormir sempre no mesmo horário e acorda pouco durante a noite, o que antes era um problema para ela. Isadora garante que nunca se machucou. — Os coaches acompanham de perto e tento seguir o que eles me passam. Senti que até meu cabelo melhorou porque comecei a cuidar da alimentação. Não faz sentido se esforçar tanto se você não cuida disso — explica. Isadora começou a levantar peso aos poucos e até umas semanas atrás usava elástico como apoio para ficar suspensa na barra fixa. Agora, se orgulha de ter ganhado força suficiente para deixar o acessório de lado.

CROSSFITEIRO

primeiro a combinar a série de exercícios — alguns deles com referência a treinamentos militares — que prometem estimular todo o corpo com conceitos de alimentação e hábitos saudáveis. Quem frequenta os boxes, como são chamadas as academias, repete que o principal benefício de estar ali e treinar pelo menos três vezes por semana é repensar a forma como se vive. É por isso que aquele seu amigo insiste tanto para você acompanhá-lo e começar a praticar logo.

E a campanha tem feito sucesso. Depois dos Estados Unidos, o Brasil é o segundo em número de boxes. São 1.080 centros de treinamentos cre-

denciados, de acordo com a Crossfit Foundation. Em Santa Catarina, segundo estado do Brasil que mais pratica esporte conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad 2015, divulgado este ano), são pelo menos 56 unidades credenciadas. O primeiro box surgiu em São Paulo em 2009 e há cerca de um ano houve um boom de academias — muitas sem credenciamento à fundação de Glassman.

Nesta reportagem, entrevistamos pessoas que praticam ou praticaram crossfit por pelo menos um ano. A ideia é entender o que há de tão fascinante neste esporte/atividade física que faz

com que tanta gente acorde cedo para pular em caixas, correr e fazer barra. Há também ressalvas sobre a prática, conforme indica um professor da UFSC e um praticante que se lesionou após dois anos de atividade. Para os sedentários, o que parece uma tortura é rotina na vida do crossfiteiro — como a internet apelidou os praticantes. Os memes — que brincam com a paixão em torno do crossfit (basta procurar #crossfit no Instagram pra ver uma série de selfies no espelho da academia, muito suor e imagens de autoajuda) — também criaram uma aura que afasta aqueles que não gostam de competição, por exemplo.



CRISTIANO ESTRELA

MAIS SAUDÁVEL

O publicitário Victor Fernandes, 24 anos, até praticava esportes, mas acabava enjoando e não se sentia motivado a mudar os hábitos. Ele estava acima do peso quando começou o crossfit há dois anos. Desde lá, perdeu 12 quilos. Parou de consumir bebidas alcoólicas e mudou a alimentação. Tudo isso porque percebeu que estava evoluindo.

— Com algum tempo de prática as percepções foram mudando, a capacidade de fazer exercícios novos, com mais cargas e mais números de repetições começaram a se desenvolver, principalmente nos exercícios ginásticos. Com as mudanças aparecendo, tive motivação para alterar os meus hábitos fora dos treinos — afirma. Victor já participou de quatro competições, regional e interestadual, mas mudou a intensidade dos treinos aos poucos. Já chegou a frequentar o box em Blumenau por sete dias da semana. Ele pretende continuar competindo, mas agora treina três vezes por semana e respeita o descanso, seguindo a frequência indicada na apostila do Crossfit.

ISADORA ORSSATTO
Tempo de prática: 2 anos
Resultado: qualidade do sono, mais força e resistência

VICTOR FERNANDES
Tempo de prática: 2 anos
Resultado: 12 quilos perdidos



ANGÉLICA LÜERSEN, ESPECIAL

EQUILÍBRIO

Rodrigo Lopes treina três vezes por semana. Ele começou a praticar crossfit no ano passado. Rodrigo é arquiteto e sentiu melhora no condicionamento assim que começou a praticar. Conta que perdeu 3kg em 20 dias com o crossfit. O exercício também melhora muito o sistema cardiorrespiratório. Em 2009, após um acidente de moto, teve a perna esquerda amputada, mas isso não foi impedimento para ele deixar os esportes. Três anos depois começou a treinar e se tornou triatleta. Hoje, pratica crossfit em um box em Chapecó como complemento para ajudar nas competições. Percebe também melhora em outros aspectos da vida.

— É uma atividade completa, envolve todo o corpo. Ajuda a fortalecer e no condicionamento. Vi que melhorou muito meu equilíbrio também.

RODRIGO LOPES
Tempo de prática: 1 ano
Resultado: maior equilíbrio

● PROBABILIDADE ALTA DE LESÃO

Por ser uma atividade intensa, o crossfit tem grande chance de gerar lesão se não for praticado com cuidado e atendendo as restrições de cada um. Tanto médicos quanto coaches indicam que a pessoa se informe sobre o box e entenda como são os treinos antes de sair pulando caixa ou erguendo barra. Para iniciantes e para esportistas, a orientação de um profissional é essencial.

Isso porque o risco de se machucar é alto. De acordo com pesquisa publicada no *Journal of Strength and Conditioning Research*, nos Estados Unidos, 73% das pessoas que praticam crossfit sofreram lesões. O índice de quem precisou passar por alguma cirurgia após se machucar na atividade chegou a 7%. A razão apontada por especialistas é a frequência exagerada de exercícios, sem dias de descanso, e uso de carga irregular, ou seja, tem gente que carrega peso além do que deve.

Coordenador do Laboratório de Esforço Físico da UFSC, doutor Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo considera que por ser uma atividade intensa é provável que o crossfit, se praticado a longo prazo, possa causar danos. O laboratório faz pesquisas sobre desempenho e o quanto as atividades impactam em quem está praticando. Ainda não há estudos específicos sobre o crossfit, por isso, Guglielmo considera que o esporte seja visto com cuidado.

— É importante entender a resposta interna de cada pessoa, monitorando a carga e a resposta de cada aluno para saber qual exatamente é o impacto — completa.

De outro lado, quem incentiva a prática garante que a adaptação é possível. O coach Luciano Abel, de Florianópolis, afirma que os boxes que seguem o crossfit original, criado por Greg Glassman, têm exercícios que podem ser aplicados conforme a capacidade de cada praticante. Mesmo que iniciantes e avançados ocupem o mesmo espaço, a quantidade de peso e as séries mudam para atender todos de uma forma mais adequada e com menos chance de lesão.

— Nós adaptamos o movimento com o uso de elástico ou de pesos menores, mas mantemos o estilo do exercício. Ou seja, a pessoa vai desenvolver a força e a resistência, mas conforme a capacidade dela — explica Abel.

Ele indica a prática entre três a quatro vezes por semana para quem quer usar o crossfit como atividade física, já os atletas podem aumentar a frequência entre cinco e seis. Para o coach, é importante também que o aluno esqueça o ego e evite se comparar com os outros praticantes, mas que preste atenção ao próprio rendimento.

● ERROS MAIS COMUNS

Como estimula o corpo como um todo, o crossfit é comumente buscado por quem quer emagrecer ou definir os músculos. Porém, o médico Bruno Cardoso, especialista em Medicina do Esporte, afirma que a atividade física foi criada principalmente para combater as doenças crônicas, aliando os exercícios à vida saudável. Para ele, qualquer pessoa pode praticar crossfit, inclusive crianças e idosos, desde que sejam respeitadas as

limitações. Se a pessoa já tem algum problema de saúde, deve procurar orientação médica antes de começar.

— Postura errada, repetição intensa de um mesmo exercício, carga em excesso e falta de descanso são os principais erros. É importante que as pessoas entendam a técnica e sigam as orientações. A alimentação, com pouco açúcar e amido e mais frutas e sementes, e hidratação com água são ideais para acompanhar os exercícios.

MAYKON LAMMERHIRT



Giovani adquiriu uma lesão na lombar depois da prática constante

● LONGE DO BOX

Giovani Luiz Beninca, gerente comercial, já foi crossfiteiro de carteirinha. Por dois anos treinou intensamente, mas há um ano e meio não quer saber de pisar em um box. Morador de Joinville, Giovani é corredor e realmente viu o corpo mudar quando praticava crossfit. Ele sentia tudo que os outros entrevis-tados contaram: mais força, mais resistência. Porém, a vontade de se superar cada vez mais, estimulada pelo esporte, acabou com uma lesão na lombar. A dor conquistada com levantamento de peso em excesso faz com que ele não indique o crossfit pra ninguém.

— Você acha que pode fazer tudo, vira uma competição. Hoje, prefiro correr ou fazer um funcional, que são atividades mais tranquilas — explica.

Corredor, Giovani perdeu 11 quilos e começou no crossfit para ganhar peso. Começou treinando três vezes ao dia, depois não tirava nenhum dia para descanso. Era disciplinado e viu que tinha mais equilíbrio e mais resistência, mas queria ser ainda melhor. Foi aí que acabou se machucando.

Diário Catarinense e A Notícias
Contracapa e Nós
"Retorno do oceano"

Retorno do oceano / Ressaca / Ocupação urbana desordenada / Praias / Fenômenos meteorológicos / Litoral catarinense / Mar / Defesa Civil / Epagri / Ciram / Mudanças climáticas / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Felipe Pimenta / Físico Oceanógrafo / Maré astronômica / Maré meteorológica / Fortes ondulações / Planejamento urbano

Diário Catarinense



A Notícia



SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2017 | #107

NÓS

ENTREVISTA

CADEIA FOI FEITA
PARA PUNIR E
NEUTRALIZAR

Rodrigo Pimentel
Ex-policia! que inspirou
o Capitão Nascimento,
de *Tropa de Elite*

PÁGINAS 2 E 3

A FORÇA DAS MARÉS

RESSACA HISTÓRICA MODIFICA o contorno do litoral catarinense e provoca apreensão no setor turístico às vésperas da temporada

PÁGINAS 4 A 7

DEBORA AMARAL



RETORNO DO OCEANO

OCUPAÇÃO URBANA DESORDENADA de áreas próximas às praias e uma combinação incomum de fenômenos meteorológicos mudam a configuração do litoral catarinense, reduzem faixas de areias e levam pelo menos seis cidades a decretar situação de emergência

RAFAEL THOMÉ

rafael.thome@somosnsc.com.br

O mar sempre volta para buscar aquilo que lhe é tomado. Sabedoria popular de quem vive no litoral, a frase nunca fez tanto sentido. Desde o início do inverno, as águas avançaram com força sobre as praias catarinenses, arrancando estruturas de concreto, contorcendo vergalhões de ferro, derubando construções de tijolos. Uma destruição implacável que já levou seis municípios do Estado a decretar situação de emergência.

Não há uma razão única para explicar a intensidade do que ocorreu neste ano. Uma combinação incomum de fenômenos naturais causou ressacas avassaladoras em diversos pontos do Estado, assustando moradores e turistas. Praias que antes tinham largas faixas de areia, como o Mata-deiro, em Florianópolis, o Ervino, em São Francisco do Sul, ou o Balneário Cambiú, em Itapoá, foram tomadas pelo mar e, hoje, têm poucos metros de terra firme. A soma de eventos meteorológicos persistentes com a ocupação desordenada de áreas próximas às praias fazem parte dessa equação que resultou na erosão no litoral.

– Geralmente, isso ocorre em praias bem urbanizadas, que tiveram crescimento desordenado sem respeito à restinga, que seria uma área de amortecimento natural. É normal este processo erosivo nas dunas e restingas, o problema é quando tem ocupação urbana nessas áreas – afirma o gerente de monitoramento e alerta da Defesa Civil de Santa Catarina, Fred Rudorff.

A praia dos Ingleses, na Capital, foi uma das mais afetadas. Se dois anos atrás havia uma faixa de areia de quase 30 metros de largura, hoje são menos de 10 metros. Os moradores mais antigos garantem que isso acontece de tempos em tempos, mas que dessa vez o impacto foi maior por causa das construções.

– Toda vida essa maré existiu, só que em outros tempos não tinha bar e casa na beira da praia. As pessoas invadiram o mar. Para mim, as bruxas perderam o encanto. A Ilha é um coração de mãe que acolhe todo mundo, mas as pessoas que não vivem para o bem são penalizadas. É uma revolta da natureza, porque hoje existe muito individualismo e muitos interesses. A Ilha está perdendo a alma, e as bruxas estão revoltadas – sugere Valdir Santos, de 61 anos, mais conhecido como Valdir Mata-fome, figura característica dos Ingleses.

Se há ou não revolta das bruxas, o fato é que entre os pesquisadores da área, a sensação é de que os moradores e os turistas terão que se adaptar, ao menos por algum tempo, às novas configurações das praias. Alguns arriscam que o prazo para uma recomposição da faixa varie de dois a três anos.

– Foi um evento extremo, que não vai se repetir tão cedo, mas essa recuperação natural é lenta e depende de como a gente vai mexer na zona cos-

ISSO OCORRE EM PRAIAS BEM URBANIZADAS, QUE TIVERAM CRESCIMENTO DESORDENADO SEM RESPEITO À RESTINGA, QUE SERIA UMA ÁREA DE AMORTECIMENTO NATURAL. É NORMAL ESSE PROCESSO EROSIVO NAS DUNAS E RESTINGAS, O PROBLEMA É QUANDO TEM OCUPAÇÃO.

FRED RUDORFF

Gerente de monitoramento e alerta da Defesa Civil de Santa Catarina

teira. A natureza leva a areia, mas traz de volta. A gente só não pode fazer mais besteira, como colocar pedra em tudo, porque isso pode contribuir ainda mais para a erosão no longo prazo – diz Carlos Eduardo Salles de Araújo, pesquisador da Epagri/Ciram do grupo de monitoramento costeiro.

Em São Francisco do Sul, o avanço do mar causou estragos não só nas praias mais urbanizadas, como também naquelas mais insospitas. Se em Itaguçu, Ubatuba, Enseada e Prainha a erosão marítima afetou vias públicas, calçadas e a rede de iluminação, na Praia Grande e no Ervino, o mar engoliu parte da Avenida das Dunas, que chegou a ser interditada pela Defesa Civil municipal na altura do Parque Estadual Acará. Isso se explica por causa da sobreposição da maré meteorológica à maré astronômica, aliada às fortes ondulações de Leste na costa catarinense, mas há quem diga que é um sinal das mudanças climáticas que começam a dar as caras em todo o planeta como reflexo do aquecimento global.

– O que aconteceu com a Praia Grande, a quantidade de areia que o mar retirou, é uma coisa inexplicável. A gente via efeitos parecidos esporadicamente, mas não nessa proporção. Acredito que o ser humano vai ter que recuar. Não sei se vamos estar aqui, mas em algum momento vamos ter que subir a serra. A gente também nunca tinha visto a chamada maré seca, esse grande re-

cuo do mar – conta Marcolino Ribeiro, morador da Prainha e comunicador que faz boletim de ondas há 18 anos.

Apesar de reconhecer que as mudanças climáticas contribuem para eventos naturais mais extremos que o comum, especialistas evitam atribuir essa causa aos fenômenos vistos neste ano no litoral catarinense. De acordo com o físico oceanógrafo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Felipe Pimenta, a hipótese de que o nível do mar está se elevando tem que ser refutada neste momento.

– Se o nível do mar estivesse subindo, nós teríamos problemas em todas as praias. E não temos. O efeito é localizado, associado à orientação das praias e à maneira que elas interagem com ondulações e ventos atípicos. O ambiente tem a variabilidade natural e, de ano a ano, vai funcionar de maneira mais ou menos previsível, mas a gente sabe que existem alterações no clima que podem ocorrer a cada seis ou sete anos, como o El Niño, por exemplo. Então, é possível que, em determinado momento, certa praia responda de maneira repentina, mas depois volte ao seu ciclo natural.

É essa a esperança de quem vive na faixa litorânea, especialmente nos municípios de Itapoá, Barra do Sul, Barra Velha, São Francisco do Sul, Navegantes e Florianópolis, onde diversas praias foram atingidas pelo avanço do mar neste ano. As vésperas de mais uma temporada de verão, oportunidade para muitos moradores aumentarem sua renda com o comércio, a expectativa é de que o mar recue para não prejudicar a movimentação de turistas.

– Fizemos uma pesquisa recente com as agências de viagens e não sentimos nenhuma influência (das ressacas) até o momento. A expectativa é de ter uma grande temporada, com aumento de 15% no número de turistas em relação ao ano passado (estimado em mais 8 milhões de pessoas em todo o Estado). (O avanço do mar) impactou, mas a natureza se recupera – afirma o secretário de Turismo, Cultura e Esporte de Santa Catarina, Leonel Pavan.

Apesar do otimismo do poder público, aqueles que vivem do comércio à beira-mar já começaram a sentir os efeitos das ressacas. Rita Ormond, de 51 anos, que é dona de uma loja de artigos de praia na Rua dos Tubarões lamenta a queda nas vendas. O comércio fica em um acesso à praia de Ingleses, que virou uma grande pilha de escombros.

– Tem uns quatro ou cinco meses que estamos penando. As vendas caíram cerca de 80%. O pessoal saía da praia e passava direto aqui, mas depois dessas marés, entramos em desespero. O buxixo que a gente escuta é que vão limpar, então estamos esperançosas. Espero que mude até o verão, porque dependemos disso – afirma.

Armação, em Florianópolis, teve a praia tomada pelo oceano

PRAIA TOMADA

O avanço do oceano sobre a areia fica mais claro com a visão aérea. Abaixo, a situação da praia Mole, dos Ingleses e do Matadeiro, em Florianópolis, na comparação entre imagens de outubro deste ano e 2015.



PRAIA MOLE



PRAIA DE INGLESSES



PRAIA DO MATADEIRO



UMA EQUAÇÃO DE TRÊS FATORES

Oceanógrafos e engenheiros marinhos afirmam que a sobreposição de três fenômenos naturais por um período prolongado ajudam a explicar o avanço do mar sobre as praias de Santa Catarina. Nessa equação, há influência da maré astronômica, que é o resultado da força gravitacional do Sol e da Lua e do movimento orbital da Terra; da maré meteorológica, com ventos no oceano, que podem contribuir para o empilhamento ou a retirada de água da costa; e das fortes ondulações vindas do Leste, que potencializam o impacto das ondas na orla.

Como consequência, nas praias de orientação noroeste-sudeste (como em Ingleses, em Florianópolis, ou na Prainha, em São Francisco do Sul), as ondas que vêm do leste "retiram" o pacote sedimentar da praia, levando-o como um cordão arenoso para a parte submersa e formando bancos de areia. Já nos balneários de orientação Norte-Sul (como o Caldeirão do Morro das Pedras, em Florianópolis, ou Mariscal, em Bombinhas), há um maior transporte de sedimentos para o sul da orla.

— Por que levanto essa hipótese? Eu corro na Armação e percebi o agravamento do problema no Caldeirão. Quando eu chegava lá na ponta sul, via os galhos todos lá e que a faixa de areia está bem gordinha ali. Também tem erosão na parte norte do Matadeiro, mas na Armação não tem. Ou seja, o sedimento está se acumulando naquela área — afirma Felipe Pimenta, oceanógrafo da UFSC.

Entre os nativos e pescadores experientes, corre a teoria de que esses eventos mais extremos costumam ocorrer a cada sete anos. Luiz Eduardo Machado, diretor da Defesa Civil de Florianópolis, lembra fenômenos recentes que reforçam essa tese e faz um alerta para os próximos anos.

— Em 2003, 2010 e agora em 2017 presenciamos esses fenômenos. Então, é bem provável que vamos ter outro em 2024, o que é bastante preocupante. Precisamos começar a nos planejar, desde o morador até os empresários e donos de hotéis, não esperando apenas que o poder público tome a frente. No próximo ciclo, a probabilidade de danos é maior do que agora.

CAMINHOS PARA A RECOMPOSIÇÃO

A recuperação natural das praias é lenta e nem sempre volta ao que era antes. Além disso, as construções nas orlas agravam a erosão costeira e podem permanecer ameaçadas. Entre as possíveis soluções para o problema, duas ações se destacam: o enrocamento de pedras para conter danos à infraestrutura pública e o engordamento artificial da faixa de areia para recuperar a balneabilidade da orla.

— Com o passar do tempo, as praias podem se recuperar, mas isso não quer dizer que os órgãos responsáveis pela infraestrutura estão isentos de planejamento urbano e de cálculos de obras costeiras que protegem a orla — explica Felipe Pimenta, da UFSC.

Algumas das medidas são de relativa facilidade de execução e já foram tomadas pelas prefeituras, como o enrocamento de pedras no Caldeirão do Morro das Pedras, em Florianópolis, para preservar a rodovia SC-406. Já o engordamento da faixa de areia é uma ação mais complexa, que requer investimentos e estudos técnicos.

— É preciso iniciar um projeto conceitual, com estudo das ondas e da incidência na costa, além de encontrar uma areia com granulometria compatível com a nativa da praia. Depois que a obra está pronta, o turismo gera mais recurso do que o valor que foi gasto — diz Rodrigo Barletta, gerente de projetos de uma multinacional de consultoria em engenharia costeira.

No início de novembro, Barletta esteve nos EUA, onde participou de uma conferência sobre gerenciamento de proteção costeira e combate à erosão marinha. De lá, traz o exemplo de Miami e todo Estado da Flórida, onde as praias também sofrem com o constante avanço do mar.

— Desde 1900 eles trabalham nisso. A cada quatro anos, em média, algumas praias são "engordadas" e há um trabalho constante de manutenção. Tem toda uma política de recursos e gerenciamento baseada em normas técnicas.

Em Santa Catarina, a prefeitura de Balneário Camboriú lançou um anteprojeto para o engordamento da Praia Central de 2 a 3 milhões de metros cúbicos de areia, quantidade suficiente para aumentar a orla de 25 para 70 metros, ao custo estimado de R\$ 110 milhões. Em Florianópolis, um cálculo preliminar para o aumento da praia de Canasvieiras de 10 para 30 metros aponta um custo de, pelo menos, R\$ 30 milhões.

— O que se perde de dinheiro movimentado pe-

É PRECISO UM PROJETO CONCEITUAL. DEPOIS QUE A OBRA ESTÁ PRONTA, O TURISMO GERA MAIS RECURSO DO QUE O VALOR QUE FOI GASTO

RODRIGO BARLETTA

Gerente de projetos de uma multinacional de consultoria em engenharia costeira

lo turismo é muito maior do que aquele investido no engordamento das praias. Tem uma discussão muito grande sobre até que ponto o governo e o cidadão têm que pagar por isso, porque muitas vezes o ganho econômico é localizado. Nada mais natural, e isso ocorre nos países desenvolvidos, que aquelas instituições que se beneficiam daquela parte da praia paguem um imposto a mais ou colaborem com a obra — sugere Pimenta.

O secretário Leonel Pavan esteve recentemente em Alicante, na Espanha, onde viu de perto o resultado do engordamento de uma praia. Apesar de reconhecer os benefícios para os empresários do ramo de turismo, ele acredita que seria uma "aberração cobrar do setor privado".

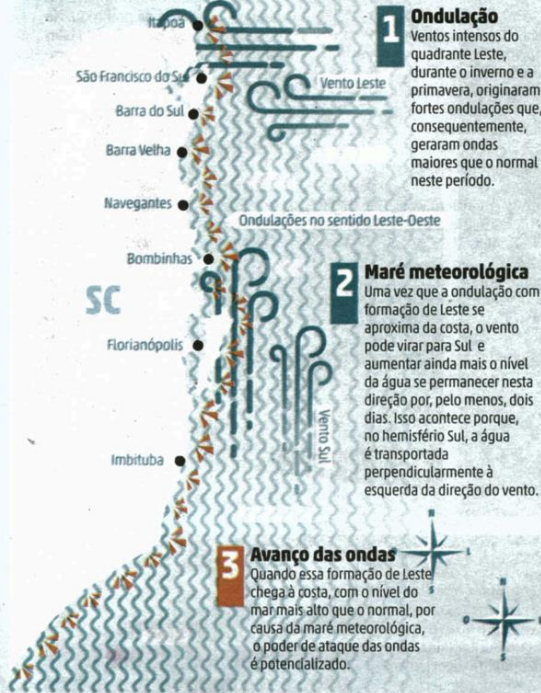
— (Os municípios) têm que investir do próprio bolso, porque o retorno vem nos impostos. O engordamento tem que ser feito não só em Balneário Camboriú, mas também em Piçarras, Penha, Navegantes... Precisamos adensar, construir marinas e restaurantes. Danem-se as críticas. Essa visão de alguns ecologistas, salvadores do mundo, é ruim para nós — afirma Pavan.

Pimenta, da UFSC, alerta que esse tipo de projeto precisa ser assessorado por pessoas com formação devida para calcular reestruturas no mar, como oceanógrafos ou engenheiros costeiros:

— Para lembrar de um acidente em que não houve esse envolvimento, temos aquela passarela no Rio de Janeiro, onde as ondas destruíram a ciclovia suspensa.

MOVIMENTO DAS ÁGUAS NA COSTA CATARINENSE

● Cidades mais atingidas



DERIVA LITORÂNEA

No momento em que as ondas de Leste incidem nas praias que têm orientação Norte-Sul e orla estendida (como a **Praia Mole** e o **Caldeirão do Morro das Pedras**), parte dos sedimentos são carregados para o mar, mas a maioria é transportada para a parte sul da praia, engordando a faixa de areia neste ponto e diminuindo a do canto norte.



PERÍODO

O espaço de tempo entre duas ondas é um dos fatores responsáveis pela movimentação dos sedimentos.



EXPECTATIVA PELA TEMPORADA

As vésperas de mais uma temporada de verão, diversas praias atingidas pelo avanço do mar continuam em situação de emergência. Em alguns casos, os decretos das prefeituras municipais já foram homologados pelo Estado e reconhecidos pela União, como em Florianópolis. Os recursos para as obras emergenciais na Capital foram liberados essa semana.

Com prazo de recuperação das praias para 15 de dezembro, uma semana antes do período de maior movimento de visitantes, o trade turístico de Santa Catarina está cauteloso quanto ao prejuízo causado pelas notícias que circulam no Brasil e no exterior.

– Tivemos praias bastante prejudicadas, fiquei impressionado com as imagens que vi. Sabemos da situação financeira restritiva, por isso dificilmente a recuperação será feita completamente até a temporada e vai ficar por conta da própria natureza – comenta Raphael Dabdad, presidente estadual da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel).

De fato, a perspectiva é de que as praias não se recuperem naturalmente até o início da temporada. De acordo com o diretor da Defesa Civil de Florianópolis, Luiz Eduard Machado, não se pode esperar que a reposição natural de sedimentos aconteça em menos de 60 dias. O trabalho, agora, é fazer

a remoção dos escombros e deixar a orla o mais aproveitável possível:

– A limpeza dos escombros será feita assim que o mar recuar, com as equipes da prefeitura. Neste mês, vamos entrar nas praias para promover ao turista a melhor faixa de areia possível, mas é lógico que haverá mudanças no uso das orlas.

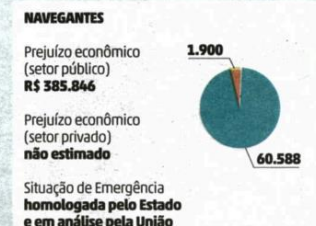
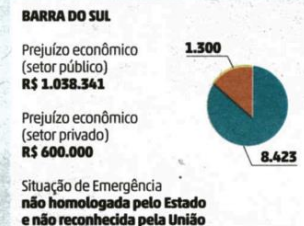
Como apontam climatologistas e oceanógrafos, esses fenômenos extremos irão se tornar mais comuns. Atualmente, Santa Catarina ainda sofre relativamente pouco com o avanço do mar em comparação aos países asiáticos, como Indonésia e Japão (atingidos por tsunamis em 2004 e 2011, respectivamente), ou aos países caribenhos (atingidos por três furacões somente neste ano), mas, segundo o oceanógrafo Felipe Pimenta, é preciso ligar o sinal de alerta especialmente no que diz respeito à relação entre o homem e a natureza:

– A pior influência antrópica é a ocupação desordenada da zona costeira. As regiões de dunas, que absorvem a energia das ondas, têm muitas construções. O maior planejamento do governo, junto à fiscalização do poder público, é sanar esse problema. São questões que envolvem geografia, oceanografia, engenharia, planejamento urbano... Temos que começar a planejar melhor nossas cidades.

SITUAÇÃO DE EMERGÊNCIA

Pelo menos seis cidades de Santa Catarina

■ POPULAÇÃO (HABITANTES) ■ PESSOAS AFETADAS



FONTE: DEFESA CIVIL DE SANTA CATARINA

Diário Catarinense e A Notícias Nós

“Bandido bom é bandido preso, isolado, punido e, se possível reintegrado”

Bandido bom é bandido preso, isolado, punido e, se possível reintegrado /
Entrevista / Rodrigo Pimentel / Tropa de Elite / Filme / Rodrigo Pimentel /
Segurança pública / Livro / Elite da Tropa / UPP / PF / Florianópolis /
Operação Ouvidos Moucos / Polícia Federal / Suicídio / Reitor / Luiz Carlos
Cancellier de Olivo

2 NGS SÁBADO E DOMINGO,
11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2017

ENTREVISTA | **RODRIGO PIMENTEL**

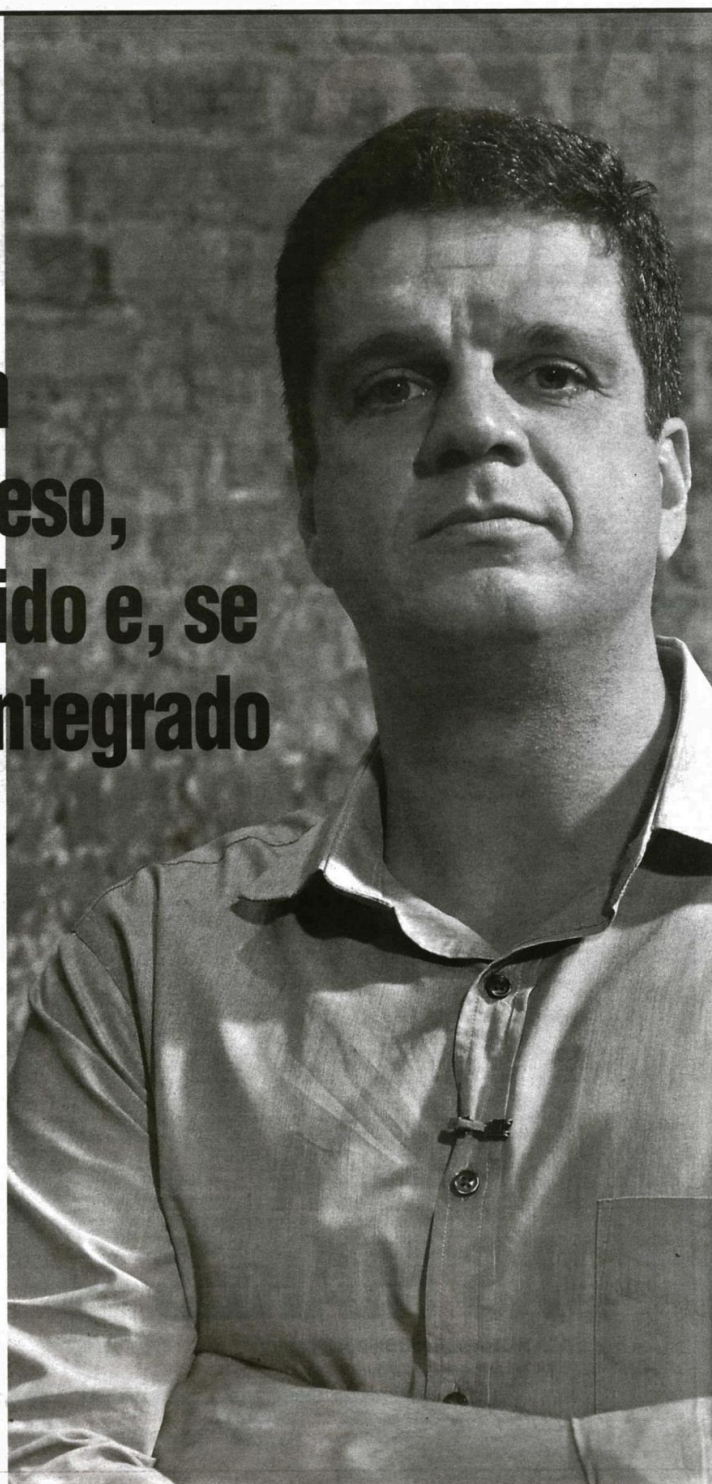
Consultor de segurança e ex-capitão do Bope



Bandido bom é bandido preso, isolado, punido e, se possível, reintegrado

EMERSON GASPERIN
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

Dez anos depois de o filme *Tropa de Elite* retratar a guerra entre a polícia e o crime organizado no Rio de Janeiro, a missão do ex-oficial do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) Rodrigo Pimentel é outra. Mas o alvo do principal inspirador do personagem Capitão Nascimento continua o mesmo: a situação da segurança pública. Desde que saiu da corporação, em 2001, ele escreveu o livro *Elite da Tropa*, engatou carreira como palestrante e foi comentarista da área na rede Globo. Atualmente, trabalha em um roteiro de ação sobre o que chama de “derrocada” das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) nas comunidades cariocas com o cineasta Roberto Santucci (da comédia *O Candidato Honesto*). Também está colaborando com o diretor José Padilha – parceiro em *Tropa de Elite* – na série *O Mecanismo*, a respeito dos meandros da corrupção denunciados pela Operação Lava-Jato. Dividida em oito episódios, a história está prevista para estrear na Netflix em 2018 e “vai mais fundo, trazendo o STF e os partidos políticos para dentro do rolo”, conforme adianta Pimentel na entrevista a seguir.





O BRASILEIRO NÃO ESTÁ ACOSTUMADO A VER GENTE DE CLASSE MÉDIA, BRANCA E BONITA SENDO PRESA. QUANDO A POLÍCIA PRENDE PRETO E POBRE EM SANTA CATARINA NÃO HÁ NENHUM TIPO DE INDIGNAÇÃO, NÉ?

O que está certo na segurança pública de um país onde foram mortas sete pessoas por hora, como no Brasil em 2016, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública?

Olha, São Paulo parece estar num bom caminho. Lá, havia 26 homicídios para 100 mil habitantes na década de 1980 e hoje há 9,8. Evidente que também tem violência, PCC, mas é a única das grandes capitais brasileiras onde houve efetiva redução desses índices.

Então Santa Catarina, que enfrenta uma guerra entre facções, deve se inspirar em São Paulo, onde apenas uma delas atua com força?

O perfil de homicídio no Brasil é entre 22h e 2h, de 16 a 24 anos, entre 50 a 100 metros de um bar ou ponto de venda de drogas. Se pelo menos 70% dos homicídios têm essa dinâmica e há uma facção hegemônica que consegue estabelecer a paz, sem disputa territorial, a resposta é sim. Ajuda bastante. Mas não podemos atribuir a redução dos índices em São Paulo ao predomínio de uma facção. Foi o Estado que mais investiu em cadeias e onde os juizes aplicam as maiores penas do país. A impressão é de que existe uma mobilização maior da sociedade paulista, com governo, Judiciário, mídia, para enfrentar esse problema.

Ainda segundo o anuário, os governos gastaram 2,6% a menos com políticas de segurança pública em 2016. O dinheiro que restou está sendo bem aplicado?

Nem sempre aumento do investimento em segurança implica em redução do crime. O dinheiro às vezes é aplicado de forma equivocada. Para os Jogos Panamericanos do Rio de Janeiro, em 2007, foram comprados computadores para viaturas que nunca foram instalados, equipamentos de comunicação que não funcionavam, helicópteros que não voavam, caminhões gigantescos de comando e controle que nunca foram usados. Dinheiro jogado fora sem escutar o policial que está lá na ponta. Porque lá precisa do básico: papel para os autos de prisão em flagrante, toner para a impressora, combustível para a viatura, salário em dia, munição, dinheiro para treinamento e capacitação. Normalmente, os gestores não atendem o básico e querem comprar um negócio mirabolante.

O que o senhor acha das UPPs implantadas no Rio de Janeiro? Deveriam ser replicadas em outros Estados?

As UPPs eram, com certeza, o mais importante projeto de segurança pública que o país teve nos últimos 30 anos. Esse projeto reelegeu o (Sérgio) Cabral e elegeu o (Luiz Fernando) Pezão ao governo do Estado. Cada inauguração era transmitida ao vivo pela TV, fazia parte do sonho olímpico, foi abraçado pela cidade e pela imprensa. Eis que começa a dar errado. O que era uma solução, tornou-se um problema – para a polícia, para as comunidades, para a cidade. O fato de a favela estar ocupada pela polícia gera confronto, guerra, bala perdida. Então aquele sonho do Cabral e do (secretário de Segurança Pública do governo Cabral, José Mariano) Beltrame, que era colocar o policial na favela e, com isso, trazer a paz, acabar com a ocupação territorial do tráfico, com os homicídios, com a criança acordando de manhã e vendo na porta de casa um bandido com fuzil, foi para o ralo, não existe mais.

Por que deu errado?

Confesso que era um dos maiores entusiastas, senão o maior, das UPPs. No início, a PM ocupava uma favela e, sete, oito meses depois, os índices de violência e os homicídios tinham caído a zero. Como é que não vou aplaudir um projeto onde depois que ele é estabelecido fica seis anos sem ninguém ser morto? Ai vinha aquele papo: 'Ah, mas o tráfico continua existindo! P', onde você tem gente disposta a consumir cocaína, vai ter gente disposta a vender! A UPP nunca foi anunciada como o fim do tráfico, e sim como o fim do domínio territorial armado do tráfico. O tráfico vai existir, mas você vai andar nas ruas, nas vielas e nos becos e não vai ter mais ninguém apontando fuzil. Ocorre que, depois de três anos, o tráfico começa a voltar devagarzinho, testando a polícia.

Recentemente o ministro da Justiça, Torquato Jardim, disse que o comando da PM do Rio de Janeiro é sócio do crime organizado. Não era disso que Tropa de Elite já falava?

A declaração do ministro seria muito precisa se ocorresse há 10 anos. De fato, a escolha de coronéis no Rio de Janeiro era feita por critérios políticos. Os comandantes dos batalhões eram indicados por deputados estaduais. Na Assembleia Legislativa (Alerj) nós tínhamos deputados envolvidos com atividades milicianas. Mas justiça seja feita: o maior legado do Beltrame é a despolitização da Segurança Pública. Não temos mais coronéis indicados por deputados, e Alerj não indica mais comandante de batalhão, nem delegado. Nós tivemos, com o governo Cabral – não tenho a menor admiração por ele, quero mais é que fique preso por muito tempo –, vereadores e deputados presos por envolvimento com atividades milicianas. E todos eram da base aliada do governo!

O ministro também disse que uma solução mais efetiva só poderá ocorrer no próximo governo, em 2019. Até lá, como faz?

Até lá, o cariooca está f! O que o ministro falou impossibilita as articulações das forças federais com as estaduais. Como é que depois disso coronéis e o secretário de Segurança Pública vão se reunir com delegados federais, com oficiais do Exército para traçar qualquer plano em conjunto? As corregedorias da polícia estão funcionando e nunca prenderam tanto. E as ações repressivas em favelas estão ocorrendo também. A polícia do Rio de Janeiro, apesar da crise, da falta de viaturas, do salário atrasado, está quebrando todos os recordes de produtividade.

Medir o desempenho da polícia por produtividade não estimula um certo furor repressivo para atingir as metas?

A questão é outra: isso está gerando algum efeito? Não. Os números da violência estão aumentando, houve alta de 7,25% em homicídios (em setembro, na comparação com o mesmo mês do ano passado) e 25% em roubo de carros. A polícia mede a produtividade, mas não significa que isso vá implicar em efetividade. Existe um papo da esquerda de que cadeia não resolve. O Estado que mais prende no Brasil é São Paulo. E é o Estado que apresenta os maiores níveis de redução de criminalidade. O país que mais prende no mundo são os Estados Unidos – onde estão havendo os maiores níveis de redução de criminalidade. Então como é que cadeia não resolve? Resolve pra c#! É de um romantismo, de uma ingenuidade falar que 'cadeia não ressocializa ninguém'... Meu amigo, cadeia não serve para ressocializar, serve para neutralizar, reinserir e punir. A cadeia moderna tem três missões distintas. A primeira é punição, o cara que cometeu o crime tem que ser punido, tem que ficar preso longe da família, longe da praia, longe da rua. A segunda é neutralizar, para que ele pare de continuar fazendo aquilo. E a terceira é a reinserção do cara na sociedade. Só que é evidente que ela não consegue cumprir essas funções. Não neutraliza porque de dentro da cadeia os bandidos coordenam crimes e rebeliões. Reinserir também é muito difícil. Acaba apenas punindo, mesmo.

Bandido bom é bandido morto?

Bandido bom é bandido preso, isolado, punido e, se possível e for da vontade do próprio, reintegrado.

Do que a polícia precisa para ter atuação mais efetiva?

Hoje, eu tenho certeza de que a polícia precisa de um arcabouço jurídico melhor do que o existente. A polícia, não, a sociedade. A questão que a mídia deveria bater é: a média de tempo que um bandido que cometeu crime violento fica preso não chega a dois anos. Isso é vergonhoso.

É a história de que "a polícia prende e a Justiça solta"?

Não é o juiz que solta, é a legislação. Em 2014, eu ainda trabalhava na Globo (saí em 2015) e teve uma explosão de roubo de carros em Niterói (RJ). A PM conseguiu prender os ladrões em flagrante. O coronel de lá ligou para mim e disse: 'Pimentel, não aguento mais! Todos os caras que eu prendo, eu já prendi!' E aí entra a audiência de custódia, a gente não entende se para zelar pelas garantias individuais do preso ou para esvaziar o presídio.

Dez anos depois, qual o legado de Tropa de Elite na discussão sobre a segurança pública no Brasil?

O filme é muito a cara do Rio de Janeiro. Tanto que era exibido em outros Estados e as pessoas não acreditavam. Mas no Rio de Janeiro foi devastador. Vi o Cabral dizendo que teria consertado as maiores denúncias feitas pelo filme: 'Operação policial em favela – criei as UPPs. Oficina mecânica em batalhão – estou alugando viaturas. Politização da Segurança Pública – proibi deputado de indicar comandante de batalhão.' Eu visitava alguns Estados e os colegas vinham me dizer que tinham visto na TV que milícia era uma coisa legal. Eu respondia: 'Não, milícias são bando de assassinos controlados por algum político, que domina um território, que manda matar, não tem nada de bom! Milícia é uma merda, bom é o Estado!' O miliciano expulsa o traficante e começa a explorar o morador, a cobrar 'taxa de proteção'.

É no "coração do sistema" em Brasília que começa o problema, como o final do segundo filme sugere?

Quando vi o ministro Torquato dizendo que o crime organizado tomou conta do Rio de Janeiro me deu vontade de perguntar: 'P', você pertence ao governo mais corrupto da história deste país e está falando do Rio de Janeiro?! É lógico que o problema começa em Brasília – e está sendo combatido pela Polícia Federal (PF). Sou fã incondicional da PF, acredito que a Lava-Jato aconteceu e acontece em função da PF, não do Ministério Público.

A mesma PF que agora está tendo seus métodos questionados em Florianópolis por conta da operação Ouvidos Mucos, cujo resultado mais visível até agora foi o suicídio do ex-reitor da UFSC, Luiz Carlos Cancellier, após ser preso e afastado do cargo sob a acusação de estar obstruindo as investigações.

Acompanhei a morte do reitor, mas não estou bem a par do caso. Agora, eu posso manter uma pessoa investigada à frente de uma universidade? Não posso manter um policial investigado à frente de sua delegacia, um coronel investigado à frente de seu batalhão, porque seria diferente com um reitor? O brasileiro não está acostumado a ver gente de classe média, branca e bonita sendo presa. Quando a polícia prende preto e pobre em Santa Catarina não há nenhum tipo de indignação, né? A prisão preventiva está prevista para três situações: preservação da ordem pública, garantia da aplicação da lei penal ou para evitar a obstrução das investigações.

Como reparar uma pessoa que foi presa preventivamente e, ao final das investigações, foi considerada inocente?

Esse é o ônus que a sociedade paga para tentar aplicar a lei. Acontece em qualquer sistema jurídico penal do mundo, pessoas são presas e soltas. Não é uma peculiaridade do Brasil.

Diário Catarinense e A Notícia Conexão Econômica

“Perini Business atrai UFSC e negocia com mais de 20 empresas”

Perini Business atrai UFSC e negocia com mais de 20 empresas / Joinville /
Universidade Federal de Santa Catarina / Inovação / Tecnologia /
Empreendedorismo

Perini Business atrai UFSC e negocia com mais de 20 empresas

Superadas as dificuldades impostas pela crise nos últimos 30 meses, os negócios do Condomínio Perini Business Park, em Joinville, retomam o ritmo mais acelerado neste semestre. Agora, muitas empresas nacionais e estrangeiras analisam a possibilidade de se instalar lá. Há negociações com companhias da Alemanha, Suíça e Japão, além de várias brasileiras.

– Temos pelo menos 20 negociações em andamento – afirma o CEO Marcelo Hack.

Os números impressionam quem visita e conhece a evolução do complexo multissetorial. O Perini tem geração de riqueza de R\$ 4,3 bilhões por ano. Isso, por si só, o tornaria o 12º município mais rico do Estado. Lá trabalham 5,5 mil pessoas e 10 mil circulam diariamente. No ano passado, 650 mil veículos passaram pelas suas instalações. Logicamente, com todo este poderio econômico, a sua influência política é enorme. Não é por acaso que o relacionamento com a prefeitura é super estreito.

– O que nos interessa é cada vez mais atrair empreendimentos com viés de inovação. Isso não quer dizer que outros tipos de negócios não sejam bons. Não temos preferências por tipo de indústria. Nossa vocação histórica é a diversidade, mas claro que olhamos com mais cautela para companhias com características mais poluidoras – diz Hack.

A grande novidade para 2018 no Perini é a inauguração do campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), prevista para o dia 5 de março. No novo endereço, alunos e professores vão respirar inovação, tecnologia e empreendedorismo num espaço único. Para Hack, a universidade auxiliará na busca por empreendimentos com um viés maior em tecnologia. Ele acredita que várias empresas do setor, com foco em inovação disruptiva, vão procurar o condomínio.

A UFSC, por si só, ocupará 13 mil m² – 9 mil m² já estão construídos. Com a UFSC, o condomínio empresarial chegará a 300 mil m² de área construída. O projeto todo tem 550 mil m². E ampliações virão, no decorrer dos anos, orientadas a partir das demandas do mercado.

O Perini é relevante para a economia local, regional e estadual. Os 153 empreendimentos em operação – dezenas deles multinacionais – representam 20% do Produto Interno Bruto de Joinville e 2% de todo o PIB criado no Estado de Santa Catarina.

Os diferenciais a auxiliar a atratividade do condomínio também vêm de fora. Na avaliação dos executivos, a logística da região Norte de Santa Catarina é uma das melhores do País. O frete de São Paulo para o Rio Grande do Sul tem um valor, e, no sentido contrário, é bem inferior. Isso ajuda na competitividade. Internamente, a excelência da segurança é mais um fator positivo. O condomínio já oferece serviços diversificados: banco, restaurantes, farmácias, panificadora, entre outros.

Diário Catarinense e A Notícia Conexão Econômica "Nanotecnologia"

Nanotecnologia / Startup / Inovação / Temperatura / Meio ambiente / Energia / Gravatal / Santa Catarina / Walterley Neves / Marcos Rohden / Curso de Engenharia Mecânica / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC



NANOTECNOLOGIA

Uma startup catarinense desenvolveu inovação disruptiva que reduz a temperatura em ambientes fechados em até 40% e não agride o meio ambiente. Ela criou a Thermo-Off, uma proteção térmica reflexiva feita com nanotecnologia. Com aplicações múltiplas, a solução tanto pode ser usada em coberturas de empresas, silos e contêineres, quando em áreas menores como residências, oficinas, veículos e outras, reduzindo as temperaturas e, consequentemente, o consumo de energia. A empresa fica em Gravatal, Sul de SC, onde foram feitas as pesquisas pelo físico Walterley Neves, graduado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e o jovem engenheiro mecânico Marcos Rohden, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Segundo o CEO Marcos Rohden, as primeiras experiências foram feitas em coberturas de oficinas mecânicas da Grande Florianópolis, mas as grandes empresas logo aderiram.

Diário Catarinense Cacau Menezes "Se dando bem"

Se dando bem /Curso de Arquitetura / Eduardo Faust / Faust Arquitetura / Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil

SE DANDO BEM

Florianopolitano Eduardo Faust, arquiteto e urbanista, sócio-fundador do escritório Faust arquitetura em 2005, graduado pela Universidade Federal de Santa Catarina em 2004, pós-graduado em espaço celebrativo litúrgico e arte-sacra na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia [Faje], assina a autoria de 109 Igrejas e quatro santuários, em 13 Estados, 72 cidades no Brasil e um santuário em Cancún, no México. Dia 11 deste mês vai inaugurar a Igreja Santa Teresinha em Curitiba; dia 17, a Igreja São Miguel, em Maringá, também no Paraná; e dezembro inaugura a Igreja São Benedito do Menino Jesus, em São Paulo. Faust também assina artigo na próxima edição da revista Arquitectura Y Cultura da Universidad de Santiago de Chile.

A casa dos seus pais, em Jurerê, também feita por ele, vira atração turística no verão.

Notícias do Dia Carlos Damião "Um patrimônio da saudade"

Um patrimônio da saudade / Estabelecimentos / Boate da Engenharia / UFSC



Carlos Damião

carlosdamião@gmail.com ■ twitter: @damião_ND

Acompanhe a
coluna no **NDOnline**



NOTÍCIAS DO DIA FLORIANÓPOLIS.
SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE NOVEMBRO DE 2017 **22**

Um patrimônio da saudade

Banco Redondo e Rodoviária Velha, entre outras referências, estimularam leitores a buscar outros marcos de Florianópolis

O tema da coluna da semana passada (edição de 4 e 5/11) motivou até quinta-feira 29 compartilhamentos e 394 curtidas, apenas no meu perfil do Facebook. Mais importante que isso, no entanto, foram as manifestações de dezenas de leitores a propósito de referências da cidade que merecem ser lembradas, pelo que significaram ou significam.

"A coluna está em sintonia com aquele trabalho de Kevin Lynch - 'A imagem da cidade'. Nós estruturamos uma 'imagem da cidade' de diferentes formas, pois utilizamos 'elementos' para a interpretarmos: limites, bairros, nós, marcos e caminhos. Os comentários reforçam aquela leitura. Cada um de nós lê e interpreta de forma diferente a cidade, pois temos formas diferentes de perceber", escreveu o economista e fotógrafo Sérgio Luiz da Silva.

Selecionei entre os comentários algumas menções que dizem respeito a lembranças físicas, aquilo que o geógrafo e professor Paulo Fernando Lago chamava de "patrimônio da saudade", ou seja, as marcas afetivas que a cidade incorpora em cada um dos moradores. Muitos estabelecimentos comerciais e clubes ainda existem, alguns com até mais de 100 anos. Outros "sucumbiram ao progresso", como disse um leitor. ■



Rio da Avenida, em registro de 2005: cobertura transformou o canal da Hercílio Luz em passeio

O Campo da Liga, por volta de 1978: em seu lugar surgiu o Beiramar Shopping



AGÊNCIA INSTITUTO CULTO PARA NOTÍCIAS DO DIA

Lugares afetivos lembrados pelos leitores:

EDIFÍCIOS

■ Comasa, Zahia, Dias Velho, Ceisa Center, ARS, Joana de Gusmão, Bahía.

BOATES

■ Capelinha, Dizzy, Shampoo, Boate da Engenharia (UFSC), Metrô.

BARES

■ Bar do Atalá, Roma Bar, Glória (Estreito), Tritão e Chopão (Coqueiros), Reçaka, Degrau, Katcips, Petit (atual Canto do Noel), Roda Bar, Lugar Comum, Havana (bar do Mosquito).

LANCHONETES E RESTAURANTES

■ Lindacap, House Lanches, Kayskidum, Vagão, Espetinho, Anatole, Cachorro-quente do Afonso, Vidal 58, Braseiro, Manolo's, Bob's (antigo), Kibelandia, Break (ou Breque) Burger, Polly's, Goiano (mercado), Prayon (primeiro chinês), Iron Bar, Rancho da Ilha, Riosulense, Guaciara.

SORVETERIAS

■ Cocota, Baraúna, Ilhabela, Caramba, Costeira.

PADARIAS E CONFEITARIAS

■ Foguinho, União, Natal, Pimpão, Brasília, Torten Haus, Sally's, Candy, Confeitaria do Chiquinho.

LOJAS

■ Brunetti Discos, Discolândia, Ás de Ouro (discos), Amauri, Koesa e CRamos (lojas de automóveis), Zandomênic (instrumentos musicais), Machado & Cia (móveis), Bush (plásticos), Banca do Beck (Praça 15), Miscelânea e Bazar Tôquio (miudezas), Casa 3B (Bom, Bonito e Barato, a lanchonete da loja servia a melhor empada da cidade), Alfred (roupas masculinas), A Grutinha (roupas femininas), LPO (Lojas Pereira Oliveira), Koerich, Arapuã, A Esportiva, Modelar (roupas), A Capital (roupas), Lojas Coelho (tecidos), Marrocana e Patropi (butiques), Beco (jeans), Galeria das Sedas, Kotzias Tecidos, Instaladora Cascaes (material elétrico).

FÁBRICAS

■ Luz & Cia - Fábrica de refrigerantes no bairro José Mendes, foi depois uma unidade da Coca-Cola. Também as fábricas de pregos, gelo e rendas (todas da marca Hoepcke).

CLUBES

■ Clube 12 de Agosto, Lira Tênis Clube, Tiro Alemão, Veleiros da Ilha, Limoense, Ipiranga, Santa

Catarina Country Club, Clube 15 de Novembro, Veleiros da Ilha, Penhasco.

CINEMAS DE RUA

■ Jalisco e Clória (Estreito), Roxy, Ritz, São José, Coral (depois Carlitos), Cecomtur, Art 7.

PONTOS URBANOS

■ Trevo da Seta - Onde havia uma placa com seta indicando o caminho para o aeroporto, daí o nome.
■ Trevo do Erasmo - Referência a um estabelecimento comercial da SC-405, de propriedade do comerciante Erasmo Antunes, hoje com 94 anos.
■ Paredão da Hercílio Luz - Conjunto de prédios "colados", construído na década de 1980.
■ Rio da Avenida - Rio da Bulha, na Hercílio Luz, que recebeu cobertura na década passada e se transformou em passeio.
■ Caminho de Cima (ida) e Caminho de Baixo (volta) - Estradas antigas entre o Itacorubi e o Norte da Ilha, antes da SC-401.
■ Reta das Três Pontes - Atual avenida da Saudade.
■ Campo da Liga - Estádio de futebol

que existia na área hoje ocupada pelo Beiramar Shopping.

■ Escadaria do Mijo - Escadaria que liga as ruas Nereu Ramos e Marechal Guilherme à rua Deodoro e avenida Osmar Cunha.
■ Praça 15 de Novembro e sua figueira.
■ Ponte Velha (Hercílio Luz), Ponte Nova (Colombo Salles).

ZONA DE MERETRÍCIO

■ Vila Palmira - Rua de um loteamento em Barreiros (São José). A célebre zona surgiu a partir de um projeto de higienização social em Florianópolis na década de 1960.

EM TEMPO

■ João Ari Dutra, veterano radialista da Capital (irmão do fotógrafo Paulo Dutra), me abordou na rua para dizer que o Banco Redondo já existia no início da década de 1950. "Era menor, mas existia". João Ari morava no Morro do Céu, bem próximo à pracinha. Como não havia nascido ainda, não tenho razão para duvidar da palavra dele.

Notícias do Dia - Plural "O zeitgeist"

O zeitgeist / Mobilização / Manifestação / Oscar Wilde / Pierre Dardot / Christian Laval / Departamento de Estudos Especializados em Educação / Centro de Ciências da Educação / UFSC / Programa de Pós-Graduação em Educação / Jéferson Dantas

O Zeitgeist

Enquanto necessidades
supérfluas sufocam a tentativa
de compreensão da sociedade,
crescem os exageros autoritários

na contramão civilizatória

JÉFERSON DANTAS*

A expressão alemã 'Zeitgeist' sintetiza todas as manifestações políticas, culturais e sociais de uma dada época histórica ou, em outras palavras, representa o espírito de um tempo, sintonizada com expressões artísticas originárias da literatura, música, dança e artes plásticas, apenas para citar alguns exemplos. Mas, tal fenômeno, ainda pode ser compreendido como uma síntese aguda de um tempo histórico marcado por um conjunto de ações performáticas individualizantes apartadas de mobilizações coletivas e de teor socializante.

O decadentismo europeu do final do século 19, do qual o escritor inglês Oscar Wilde (1854-1900) é um dos seus principais representantes, teve bastante influência em nosso

país, especialmente na obra de João do Rio (1881-1921). Grosso modo, o decadentismo tinha traços da escola romântica, sobressaindo-se o 'dandismo' como modus vivendi. O gosto pelas coisas fúteis, o interesse pelo efêmero, a associação da vaidade narcísica ao tédio, também são marcas deste estilo artístico. Numa aproximação precária com os dias coevos, estaríamos vivendo um período da História em que, ou ainda, uma boa performance por meio das redes sociais garantiria, por si só, efetiva participação ativa, ocultando os efeitos nefastos de uma democracia consentida. Portanto, descaracterizada de seus matizes mobilizadores em nível estrutural.

Não por acaso, o mercado editorial brasileiro tem realizado novas reedições de obras distópicas, que traduzem em suas narrativas ficcionais, as dificuldades humanas de diálogo, o isolacionismo narcísico, a obsessão por produtos

tecnológicos que impedem ou reduzem encontros presenciais e a necessidade compulsiva em expressar opinião sobre qualquer assunto, ainda que não existam elementos conceituais ou teóricos consistentes que sustentem determinadas abordagens. A necessidade comunicacional a qualquer custo, portanto, mitiga todos os esforços epistemológicos de compreensão sistemática da sociedade pautada na lógica do capital, que a todo instante cria necessidades artificiais e superfúas.

Esta verdadeira 'empresa de si', nos termos dos sociólogos franceses Pierre Dardot e Christian Laval, estabelecem novas formas de convívio, muito mais áridas e concorrenciais, promovendo além da competitividade desenfreada em todos os setores da vida produtiva, um aceno preocupante às ideias autoritárias, que reduzem as manifestações artísticas a

meras expressões de mentes recalçadas. Contraditoriamente e, na contramão do que alcunhamos de 'civilização', é justamente o ideário ultraconservador que não consegue resolver os seus recalques. Nesta direção, tudo o que for 'diferente' de sua visão de mundo, permitirá ao espírito totalitário repudiar sem peias. Logo, o dandismo virtual e a ausência de vínculo com a realidade concreta, que não podem ser confundidas com a expressão artística de um tempo, são insuficientes para combater os exageros autoritários, já que legítimas disputas só podem ocorrer na arena pública, portanto, terreno!

Doutor em Educação e professor no Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC e no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

11/11/2017

[Perini Business atrai UFSC e negocia com mais de 20 empresas](#)
[Prisão e morte de Cancellier ganham matéria de seis páginas na](#)
[Veja](#)

[Prisão e morte de Cancellier ganham matéria de seis páginas na](#)
[Veja](#)